

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Felipe Augusto Ribeiro Pires

Criatividade no processo de amadurecimento em Winnicott

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Felipe Augusto Ribeiro Pires

Criatividade no processo de amadurecimento em Winnicott

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica (Núcleo de Práticas Clínicas), sob a orientação do Prof. Doutor Zeljko Loparic.

São Paulo

2010

FELIPE AUGUSTO RIBEIRO PIRES

**CRIATIVIDADE NO PROCESSO DE AMADURECIMENTO EM
WINNICOTT**

Tese submetida à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e aprovada pela seguinte banca examinadora:

São Paulo

2010

RESUMO

O conceito de criatividade de Winnicott é fundamental em sua teoria e original dentro da psicanálise. Neste trabalho ele foi estudado sob o ponto de vista do amadurecimento pessoal. Buscou-se uma compreensão acerca da participação da criatividade em cada etapa do desenvolvimento do indivíduo. Ela é, para Winnicott, um potencial humano inato. O autor acredita que, desde a fase intra-uterina, a psique tem seu início de forma criativa no que ele chama de “elaboração imaginativa”. Nos primeiros relacionamentos com a mãe ocorre a experiência da “criatividade primária” com a ilusão onipotente do bebê de estar criando aquilo com o que entra em contato. A partir disto pode se iniciar o processo de constituição do si-mesmo, que só é possível por meio de experiências criativas. Nas etapas seguintes e por toda a vida a existência criativa é essencial e somente com ela pode-se ter prazer e perceber sentido no que se faz. A criatividade está presente no brincar, nas artes, religião e atividades culturais em geral. Pôde-se concluir que, de acordo com a teoria winnicottiana, o viver criativo é necessário para que haja saúde, desvios no amadurecimento resultantes na deficiência criativa têm como consequência uma personalidade doente. Para Winnicott a criatividade é anterior à experiência e o núcleo pessoal de onde ela provém permanece para sempre inalterado permitindo a manutenção do sentimento de criar o mundo ao longo da vida. Pensamos ser importante atentar à valorização social da utilidade e produtividade que se opõe à experiência criativa cujo fim está em si mesma.

PALAVRAS-CHAVE: Winnicott; Criatividade; Amadurecimento; Brincar; Cultura.

ABSTRACT

Winnicott's creativity concept is fundamental in his theory and original within psychoanalysis. In this work it's been studied under the maturational process's point of view. A comprehension of creativity's participation in each stage of individual development was chased. Creativity is to Winnicott an innate human potential. The author believes that since intra-uterine stage psyche has its begin on a creative way on what he calls "imaginative elaboration". On the firsts relationships with the mother the experience of "primary creativity" occurs with the omnipotent illusion of the baby of creating what he gets in contact with. Starting from this the process of constitution of the self can initiate, which is only possible through creative experiences. In the following phases and throughout life creative existence is essential and only with it is possible to have pleasure and sense meaning in what you do. Creativity is present on playing, arts, religion and cultural activities in general. It's being possible to conclude that according to winnicottian theory creative living is necessary so there is health, deviations on maturational process resulting in creative deficiency has as consequence a sick personality. To Winnicott creativity is prior to experience and the personal nucleus from where it comes remains forever unaltered allowing the maintenance of the feeling of creating the world throughout life. We think it's important to attempt to social valorization of utility and productivity that opposes to creative experience whose end is in itself.

KEY WORDS: Winnicott; Creativity; Maturational process; Playing; Culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1 ASPECTOS GERAIS SOBRE O CONCEITO DE CRIATIVIDADE EM WINNICOTT.....	11
2 A CRIATIVIDADE E A CONQUISTA DO SI-MESMO.....	23
2.1 Elaboração imaginativa.....	23
2.2 Fase intra-uterina, nascimento, e a apropriação das experiências.....	28
2.3 Primeira mamada teórica.....	35
2.4 Criatividade e desenvolvimento das tarefas fundamentais.....	39
2.5 Transicionalidade.....	40
2.6 Desenvolvimento da função intelectual.....	47
2.7 Estabelecimento do si-mesmo.....	49
3 CRIATIVIDADE E OS ESTÁGIOS DE DEPENDÊNCIA RELATIVA E INDEPENDÊNCIA RELATIVA.....	54
3.1 O estágio do concernimento.....	54
3.2 O brincar.....	57
3.3 Criatividade e a fase do complexo de Édipo.....	60
3.4 Adolescência.....	62
4 CRIATIVIDADE E IDADE ADULTA.....	66
5 UM EXEMPLO CLÍNICO DE WINNICOTT.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS.....	84

INTRODUÇÃO

Donald Woods Winnicott (1896-1971) formulou importante teoria sobre a criatividade e propôs o que seria sua base e fundamento sobre o qual se constrói todo o relacionamento entre o mundo e o indivíduo, a criatividade primária. O sentido que pode ser encontrado na vida pelas pessoas saudáveis é resultado direto da expressão e do desenvolvimento criativo. Grande parte da obra de Winnicott está permeada por sua concepção de ser humano como sendo um ser criativo. A busca pela compreensão da criatividade é, portanto, necessária para a compreensão de qualquer aspecto da teoria winnicottiana.

A teoria de Winnicott foi elaborada principalmente a partir do atendimento a crianças e a adultos psicóticos, o que permitiu a observação de questões primitivas do ser humano, como as que deram origem aos desenvolvimentos teóricos relativos à criatividade. Os adultos psicóticos possibilitaram que ele presenciasse estados de regressão que levaram à compreensão de estágios iniciais da vida humana.

Em sua experiência profissional ele pôde estabelecer contato com milhares de crianças levadas até ele, o que o fez questionar a centralidade do complexo de Édipo de Freud, que localiza a etiologia das patologias psíquicas entre os 2 e 5 anos (Winnicott, 1994 [1989f]).

Sua busca por alguém que pudesse compreender de outra forma estas questões mais precoces aproximou-o de Melanie Klein, por quem foi supervisionado. No entanto surgiram algumas divergências, o que levou Winnicott a se afastar dela e de parte de seu desenvolvimento teórico.

Winnicott desenvolveu sua própria teoria a partir de suas discordâncias em relação à psicanálise ortodoxa. Para ele, Freud havia desenvolvido um método de investigação e tratamento de grande valor, entretanto acreditava que algumas questões deveriam ser revistas.

Ao desenvolver seu pensamento, Winnicott afasta-se das abstrações metapsicológicas de Freud e rejeita as heranças naturalistas incorporadas por ele à

teoria psicanalítica. As concepções winnicottianas de ciência e de saúde ilustram uma visão de mundo que não é objetificante nem determinista.

A psicanálise é, escreveu Winnicott, uma ciência; a qual funda algo a partir do qual é possível compreender o homem. Este seria o resultado de um desenvolvimento ao longo dos estágios da vida. A capacidade de existir não é dada ao nascer, é uma conquista que depende de diversos fatores (Winnicott, 2005 [1986k]). Saúde, para Winnicott não é somente a ausência de doenças, mas algo mais complexo e que está relacionado com a capacidade criativa.

A psicanálise ortodoxa e a winnicottiana são divergentes em aspectos bastante fundamentais no que diz respeito à concepção de ser humano.

Segundo Zeljko Loparic (2001), Winnicott introduziu um novo paradigma na psicanálise. Sua pesquisa revolucionária teria proporcionado uma nova perspectiva com a formulação de novas questões e explicações para aquilo que não era solucionado pela teoria vigente.

Loparic acredita que ocorreu uma mudança da teoria da sexualidade para a teoria do amadurecimento pessoal e do complexo de Édipo para o “paradigma do bebê-no-colo-da-mãe” (Loparic, 2001). Assim, a teoria winnicottiana introduz uma reformulação importante na psicanálise. Ela baseia-se em uma nova concepção do mundo e do ser humano.

De acordo com Winnicott, este ser humano, que é um constante devir, possui uma natureza caracterizada pela tendência inata ao amadurecimento, o que significa tendência inata à integração em uma unidade. No processo de amadurecimento, se tudo correr bem, o homem vai aos poucos realizando suas potencialidades, descritas por Winnicott como tarefas a serem cumpridas ao longo da vida, correspondendo cada tarefa ao seu devido momento.

Principalmente nas fases mais primitivas da vida o meio externo deve prover um mínimo de cuidado ao bebê para que possa realizar seu processo natural de amadurecimento. A saúde física e o decorrer do tempo não são suficientes para que seja atingida a condição de ser humano integral e o sentimento de estar vivo. Isto é apenas uma potencialidade que só poderá ser atingida com as condições ambientais adequadas. Quando essas condições não se apresentam há uma falha, uma perturbação no desenvolvimento, e o indivíduo não consegue atingir a integração.

Pode-se então concluir que a capacidade de existir não é dada ao nascer, é uma conquista que depende de diversos fatores. Desse modo, a ameaça do não-ser¹ estará sempre presente.

O desenvolvimento da criatividade é fundamental nesse processo de constituição do si-mesmo. Desde o estágio não integrado até o fim da vida a criatividade se apresenta, sendo essencial no processo do amadurecimento humano. No estabelecimento de um si-mesmo integrado, a criatividade permite que o bebê estabeleça uma relação de sentido com aquilo que é não-eu, o mundo externo.

Tanto o desenvolvimento da criatividade como a realização de todas as tarefas naturais ao processo de amadurecimento dependem de cuidados ambientais, proporcionados para o bebê pela mãe ou substituta.

Winnicott classifica alguns estágios com características específicas pelos quais um ser humano saudável passa ao longo de sua vida. No primeiro estágio, classificado como o da dependência absoluta, a mãe deve adaptar-se às necessidades do bebê de forma a proporcionar um ambiente facilitador satisfatório. O que significa, conforme a expressão usada por Winnicott, ser uma “mãe suficientemente boa”. Isto implica na identificação desta mãe com seu bebê no que é chamado pelo autor de “preocupação materna primária”. É neste estágio que serão realizadas as citadas tarefas fundamentais.

No estágio seguinte, de dependência relativa, começam a haver falhas graduais na adaptação materna. Com isto, já tendo uma base de si-mesmo constituída, o bebê é levado a se adaptar a estas falhas dando continuidade a seu desenvolvimento. Neste processo é estimulada a função mental, que surge capacitando-o a lidar melhor com as falhas da mãe. Também neste estágio o mundo externo passa a ser percebido como tal e há a conquista de um eu unitário integrado. Então a criança passa a se perceber como um “eu”.

Tendo conquistado a unidade e podendo então se relacionar com o mundo externo a criança começa a integrar seus impulsos, antes percebidos como externos a si. Nos estágios anteriores o bebê era despreocupado em relação à sua instintualidade, o que significa que ele não se responsabilizava por ela. Com a

¹ Esta análise foi escrita de acordo com o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, contudo, não removi o hífen das palavras começadas por "não-" por entender que isso dificultaria o entendimento de termos já consagrados no estudo da psicologia.

entrada nesta nova fase é adquirida a capacidade de *concernimento*,² o que significa capacidade de responsabilizar-se por seus instintos e de preocupar-se com suas consequências. Assim, é também desenvolvida a capacidade reparatória, que alivia a ansiedade proveniente da culpa em relação à atuação dos impulsos destrutivos.

A boa integração da vida instintual permite que a criança entre no estágio de independência relativa que se inicia na fase edípica, passando pela latência, adolescência, idade adulta, velhice e termina com a morte.

Neste contexto do amadurecimento pode ser observada, atuando de diferentes formas em cada estágio, a criatividade humana. Ela é essencial no processo de amadurecimento e é dentro dele que a expressão criativa pode ser compreendida.

Winnicott, ao formular seu conceito de criatividade, leva algo novo para a teoria psicanalítica. Esta novidade desempenha papel fundamental naquilo que é considerado pelo autor como a natureza humana. Ele considera a criatividade presente ao longo de toda a vida do indivíduo saudável, manifestando-se nos primeiros estágios da infância e estendendo-se para a idade adulta na qual se expressará por meio das artes, religiões etc.

O autor considera a criatividade própria da natureza humana. No início ela permite que seja estabelecida uma relação saudável com o mundo objetivo e ao longo da vida é somente por meio dela que a realidade poderá ganhar sentido. O ser humano como um sujeito saudável, com um si-mesmo bem integrado que se relaciona com o mundo externo de forma própria, e não simplesmente respondendo aos estímulos, teve um bom desenvolvimento de sua criatividade no decorrer de seu processo de amadurecimento.

Neste caminho em direção a um si-mesmo independente a criatividade é necessária para que se alcance a verdadeira existência. Antes da presença de um sentimento de estar vivo, momento no qual não há um “eu” que delimita o indivíduo e o separa do mundo externo, já há expressão criativa e sem ela não seria possível a superação deste estágio.

A criatividade é, para Winnicott, uma forma de se relacionar com o mundo, o modo como ele se apresenta é reflexo desta capacidade, sem a qual tudo

² Neologismo comumente usado como tradução do conceito winnicottiano concern.

é destituído de sentido. O mundo subjetivo dá significado ao mundo objetivo pela criatividade e o império de qualquer um dos dois implica em patologia.

As origens da criatividade remontam aos primeiros momentos de vida do bebê, quando ele tem a ilusão de que o mundo externo é criação sua. Isto é desenvolvido na relação com a mãe, que, na saúde, permite esta ilusão.

Este trabalho busca uma compreensão do conceito de criatividade de Winnicott tendo em vista sua contribuição à teoria psicanalítica. Elsa Dias (2003), assim como outros autores, reconhece o caráter inédito deste conceito e sua relevância teórica.

Tendo como objetivo compreender a criatividade conforme formulada por Winnicott dentro do processo de amadurecimento, será realizado aqui um estudo qualitativo teórico para o qual se utilizará a leitura das obras do autor e de outros autores que contribuíram para a compreensão do conceito winnicottiano de criatividade. As fontes pesquisadas consistem em livros, dissertações, teses e artigos. A partir desta leitura poderá ser realizada a análise do conceito em questão levando em conta que aquilo que será feito é o resultado de uma possibilidade de compreensão baseada em certos pressupostos teóricos.

O presente trabalho tem como perspectiva para a análise da obra winnicottiana sua teoria do amadurecimento. Dias, em seu livro *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott* (2003), expõe tal teoria e organiza o pensamento de Winnicott sob esse ponto de vista que guiará a investigação do conceito estudado.

Serão aqui buscados os escritos acerca do conceito de criatividade referentes às diferentes épocas do amadurecimento e aos diferentes aspectos da vida em que pode ser estudado.

Este trabalho, em conformidade com os apontamentos de Gadamer (1997), não busca eliminar os preconceitos dos quais se parte, o que seria impossível, mas reconhecê-los e trabalhar com eles de forma crítica na compreensão do texto a ser estudado. No trabalho de interpretação os preconceitos atuantes devem ser reconhecidos para que haja abertura em relação ao texto que se apresenta.

Nos textos de diversos comentadores de Winnicott pouca importância parece ter sido dada a um conceito tão fundamental que é a criatividade e muitos

voltaram o interesse para os objetos transicionais como o grande feito do autor, esquecendo-se de que a criatividade primária, algo igualmente original, é a base da qual surge o objeto transicional.

Apesar de não haver uma obra que se dedique à criatividade ao longo do processo de amadurecimento de Winnicott, alguns pontos foram bem trabalhados por autores como Zeljko Loparic, por exemplo, no texto *Animal humano* (2000); Maria Ivone Accioly Lins e Rogerio Luz, no livro *D. W. Winnicott: experiência clínica e experiência estética*, no qual Luz faz uma análise da arte do cinema e do desenho a partir de Winnicott; e Grolnick em *Winnicott, o trabalho e o brinquedo: uma leitura introdutória*.

O caminho aqui percorrido conta com os seguintes capítulos: “Aspectos gerais sobre o conceito de criatividade em Winnicott”, no qual será introduzida a noção do conceito e serão feitas algumas considerações gerais acerca da teoria winnicottiana. “A criatividade e a conquista do si-mesmo”, iniciando a exploração da criatividade no processo de amadurecimento desde o início até a fase na qual o ser humano adquire consciência de si. “Criatividade e os estágios da dependência relativa e independência relativa”, no qual prosseguirá a investigação passando pelo estágio do concernimento, complexo de Édipo e adolescência. “Criatividade e idade adulta”, buscando as implicações e manifestações da criatividade nesta fase, assim como a arte, relacionamentos etc. “Um exemplo clínico de Winnicott”, capítulo final que procura compreender a criatividade e sua importância na constituição do si-mesmo por meio de um caso apresentado por Winnicott.

1 ASPECTOS GERAIS SOBRE O CONCEITO DE CRIATIVIDADE EM WINNICOTT

No pensamento de Winnicott tudo que se relaciona com a criatividade tem sua base no que ele chama de criatividade primária, conceito fundamental para a compreensão de sua teoria. Tal ideia é inédita dentro da psicanálise, inaugura uma nova perspectiva de compreensão do ser humano abrindo um campo inexplorado.

A criatividade primária não se confunde com os conceitos de sublimação ou de reparação, as principais respostas elaboradas até então pela psicanálise ortodoxa no que se refere à etiologia da expressão criativa. Também não é resultado da projeção de algo introjetado, sua existência é anterior ao desenvolvimento desses mecanismos e a qualquer estruturação psíquica (os conceitos aqui apresentados em oposição ao da criatividade primária serão discutidos adiante). A respeito da criatividade primária Dias escreve:

O conceito winnicottiano de criatividade originária é inédito no âmbito da psicanálise. Alterando por completo a ideia de que o psiquismo é constituído, já de início, na base de mecanismos mentais de projeção e introjeção, e, ainda, de que a criatividade humana é tributária das pulsões sublimadas, Winnicott formula a ideia de uma criatividade psíquica originária que é inerente à natureza humana e está presente desde o início (Dias, 2003, p. 169).

Winnicott começa a elaborar a ideia do que seria a criatividade primária em seu texto *Desenvolvimento emocional primitivo* (2000 [1945d]). Nele é apresentado o momento de manifestação criativa que passou a lhe servir como modelo de ilustração do primeiro contato do ser humano com o mundo externo (então não percebido como tal, pois o bebê, no começo, não tem consciência de si e, portanto, não faz a separação entre o que é eu e não-eu). A situação apresentada é a primeira mamada teórica; representação do conjunto das primeiras mamadas reais. Sua descrição de 1945 reaparece mais de uma vez em trabalhos posteriores.

Neste texto, apesar de Winnicott versar acerca da ilusão que o bebê tem de conjurar o seio de acordo com sua necessidade,³ a questão da criatividade ainda não parece ganhar tanta importância quanto posteriormente, a palavra criar não é utilizada em relação ao seio como em outros textos escritos depois e a expressão criatividade primária não aparece. No entanto, já é feita uma importante diferenciação em relação à teoria psicanalítica ortodoxa e um apontamento a respeito do caráter primário da fantasia e de sua importância na vida do ser humano:

devemos considerar, portanto, que a fantasia não é algo criado pelo indivíduo a fim de lidar com as frustrações da realidade externa. Isto só é verdade em relação ao devaneio. A fantasia é mais primária que a realidade, e o enriquecimento da fantasia com as riquezas do mundo depende da experiência da ilusão⁴ (Winnicott, 2000 [1945d], p. 228).

No famoso texto de 1951, *Objetos transicionais e fenômenos transicionais* (1975 [1953c]), publicado pela primeira vez em 1953, Winnicott expõe novamente sua ideia da primeira mamada teórica além de outras questões às quais se refere o título.⁵ Desta vez o estudo da criatividade é bastante aprofundado e são apresentados conceitos novos e marcantes para a psicanálise. A criatividade primária é caracterizada como algo absolutamente próprio do indivíduo que se expressa em um impulso original ganhando forma e sentido ao encontrar o mundo.

A criatividade primária é um potencial inato do ser humano. Winnicott acredita que sejamos dotados de uma capacidade criativa própria de nossa natureza. Isto significa disposição para a criação de algo próprio, independente da internalização de objetos para que estes sejam projetados. Esta criação não é reprodução, mas sim uma elaboração pessoal com a atribuição de um sentido particular.

O autor aponta por diversas vezes para diferenças neste ponto entre seu pensamento e o de Melanie Klein (1882-1960), autora que o supervisionou por um período e que muito o influenciou, apesar de haverem se distanciado devido a divergências teóricas. Klein versa a respeito de alguns mecanismos descritos por

³ Sobre a questão da primeira mamada teórica e da ilusão onipotente do bebê de ser responsável pela criação do seio e do mundo de acordo com seus próprios impulsos, *vide* item 3 do capítulo II: "Primeira mamada teórica".

⁴ A experiência de ilusão será discutida no item 3 do capítulo II: "Primeira mamada teórica".

⁵ *Vide* item 5 do capítulo II: "Transicionalidade".

Freud antes que ele os tivesse descrito, para ela há um complexo de Édipo precoce e um surgimento do superego mais cedo que na teoria freudiana.⁶ No entanto para Winnicott não há sentido em escrever sobre tamanha complexidade em uma psique tão imatura, ele afirma que, no início, não há estruturação psíquica, portanto não existe um eu consolidado que possa vivenciar projeções, introjeções etc., não há um lugar no qual algo possa ser introjetado.

Para Klein, em uma fase inicial da vida,

quando a criança pequena começa a introjetar seus objetos – e não nos esqueçamos que ela os conhece apenas vagamente e sobretudo por seus órgãos separados – seu medo desses objetos aciona, como já vimos, os mecanismos de ejeição e de projeção. Segue-se então uma ação recíproca entre projeção e introjeção, que parece ser de importância fundamental não somente para a formação do superego, como também para o desenvolvimento das relações objetais com pessoas e para a adaptação à realidade. A constante necessidade de projetar suas terríficas identificações sobre os objetos, parece incrementar o impulso de repetir incessantemente o processo de introjeção, e constitui, portanto, um fator decisivo na evolução de suas relações com os objetos (Klein, 1975 [1932], p. 195-196).

Winnicott acredita que esta forma de conceber o início da vida e da relação com o mundo não permite que haja espaço para uma criatividade primária. Ele aponta para a questão do “conceito de criatividade primária e de originalidade absoluta, em contraposição ao da projeção de objetos e fenômenos previamente introjetados (digeridos e processados)” (Winnicott, 1990 [1988], p. 132). Sua crença é de que o contato inicial com os objetos, quando iniciado pelo bebê, é absolutamente pessoal, o que conflita com as suposições de Klein. Somente em uma fase posterior, na qual já há algum desenvolvimento da capacidade mental, passam a atuar mecanismos de introjeção e projeção. Na autora, Winnicott reconhece uma

tendência a empurrar a idade em que os mecanismos mentais aparecem cada vez mais para trás, de modo a encontrar a posição

⁶ Para Klein “o que origina a formação do superego e rege seus primeiros estádios são os impulsos destrutivos e a angústia que despertam” [Klein, 1975 (1932), p. 188]. A autora considera tais impulsos naturais da agressividade humana e a angústia resultante começaria a se manifestar aproximadamente aos seis meses de idade, período em que se iniciaria o complexo de Édipo. Em relação a estas questões Winnicott escreve: “acredito que alguma coisa se perde quando o termo ‘complexo de Édipo’ é aplicado às etapas anteriores, em que só estão envolvidas duas pessoas, e a terceira pessoa ou o objeto parcial está internalizado, é um fenômeno da realidade interna” [Winnicott, 1990 [1988], p. 67].

depressiva⁷ nas primeiras semanas; além disso examinou a influência do ambiente apenas superficialmente, nunca reconhecendo realmente que juntamente com a dependência da fase precoce da lactação há, na verdade, um período em que não é possível descrever um lactente sem descrever a mãe de quem o lactente ainda não se tornou capaz de se separar para se tornar um *self*⁸ (Winnicott, 1983 [1965va], p. 161).

Afirmar que criatividade primária é pessoal e que não é introjeção seguida de projeção não significa, porém, que ela não dependa do mundo. A experiência criativa necessita de objetos para que neles possa se realizar. O que não implica em que aquilo que é encontrado pelo indivíduo é por ele copiado. O bebê que começa a entrar em contato com objetos ou sensações, quando o faz de forma criativa, tem a ilusão de criar aquilo que encontra e nisto contribui com algo original e pessoal. Neste processo o mundo é constituído pelo indivíduo e dotado de significado particular para aquele que o cria.

Segundo Winnicott é necessário que haja um mundo previamente estabelecido para que nele o indivíduo possa expressar sua criatividade. O autor

⁷ Conceito elaborado por Klein e que descreve uma etapa do desenvolvimento do bebê de início próximo aos seis meses, caracterizada pelo sentimento de culpa resultante dos impulsos destrutivos. Winnicott baseia-se nesta fase para descrever o que chama de estágio do concernimento (*concern* ou em algumas traduções “preocupação”). Diferentemente da posição depressiva, para ele o início do concernimento se dá somente após o primeiro ano de vida e sua ênfase não está na culpa, mas na capacidade de se preocupar com o outro. Sobre a questão *vide* capítulo III item 1.

⁸ De acordo com Winnicott o si-mesmo (*self*) é um desenvolvimento do ser humano que, apesar de ser determinado por uma tendência inata, não tem como garantida sua consolidação, pois depende, além da integridade orgânica, de um ambiente propício. “No começo teórico existe o estado de não integração, uma ausência de globalidade tanto no espaço quanto no tempo. Neste estágio não há consciência” [Winnicott, 1990 [1988], p. 136]. É em tal período que, segundo o autor, o bebê deve ser descrito não como uma unidade, mas em sua relação com a mãe. Esta é sentida pelo lactente, que ainda não é capaz de conceber o eu ou o outro, como parte dele. No texto *Sobre as bases para o self no corpo* [Winnicott, 1994 (1971d)] Winnicott define o si-mesmo como “a pessoa que é eu, que é apenas eu, que possui uma totalidade baseada no funcionamento do processo de maturação. Ao mesmo tempo, o *self* tem partes e, na realidade, é constituído dessas partes. Elas se aglutinam desde uma direção interior para exterior no curso do funcionamento do processo maturacional, ajudado como deve ser (maximamente no começo) pelo ambiente humano que sustenta e maneja e, por uma maneira viva, facilita. O *self* se descobre naturalmente localizado no corpo, mas pode, em certas circunstâncias, dissociar-se do último, ou este dele. O *self* se reconhece essencialmente nos olhos e na expressão facial da mãe e no espelho que pode vir a representar o rosto da mãe. O *self* acaba por chegar a um relacionamento significativo entre a criança e a soma das identificações que (após suficiente incorporação e introjeção de representações mentais) se organizam sob a forma de uma realidade psíquica interna viva. O relacionamento entre o menino ou a menina e suas próprias organizações psíquicas internas se modificam de acordo com as expectativas apresentadas pelo pai e pela mãe e por aqueles que se tornaram importantes na vida externa do indivíduo. São o *self* e a vida do *self* que, sozinhos, fazem sentido da ação ou do viver desde o ponto de vista do indivíduo que cresceu até ali e está continuando a crescer, da dependência e da imaturidade para a independência e a capacidade de identificar-se com os objetos amoroso maduros, sem perda da identidade individual” (p. 210).

aponta para a existência de um paradoxo que é o fato de o objeto descoberto pelo bebê ser ao mesmo tempo por ele criado e também por ele encontrado.

Quando estamos em gozo de nossa sanidade, realmente só criamos aquilo que descobrimos. Até mesmo nas artes não podemos ser criativos no vácuo, a menos que sejamos solistas num hospício ou num asilo de nosso próprio autismo (Winnicott, 2005 [1986h], p. 38-39).

Uma ideia que Winnicott desenvolve a partir do paradoxo constatado na infância é a de que por toda a vida somente é possível ser original com base na tradição (Winnicott, 1975 [1967b], p. 138). É o estudo de um determinado campo do conhecimento humano que possibilita a expressão da criatividade em tal campo (*Idem*, 2005 [1986h], p. 39).

A expressão criativa precisa ir de encontro a um mundo organizado para nele tomar forma. No começo não há estruturação psíquica, ou consciência de si mesmo ou do outro, somente a não-integração e a amorfia. É desta amorfia que parte o impulso próprio, a criatividade primária, que ganha forma nos objetos mundanos.

Com o passar do tempo, a não-integração dá lugar à integração com o ganho gradual da consciência do eu e do mundo, e com a aglutinação de aspectos inicialmente dissociados do si-mesmo. Isto significa que o corpo passa a ser percebido como parte de um si-mesmo, as experiências vividas começam a se relacionar e os diferentes humores começam a ser percebidos como aspectos de um mesmo eu.⁹ Para Winnicott, a tendência à integração é inata, mas sua concretização depende de um ambiente favorável, o que corresponde a cuidados adequados por parte da mãe ou de quem realize este papel.

Com a integração torna-se possível a desintegração. No princípio existem apenas momentos de integração que, com o passar do tempo, vão se tornando mais frequentes e duradouros. “Enquanto a integração vai se tornando um estado contínuo do indivíduo, a palavra desintegração revela-se mais apropriada para descrever o negativo da integração do que o termo não-integração” (Winnicott, 1990 [1988], p. 137). Diferentemente da não-integração, a possibilidade de desintegração é geradora de angústia. “Gradualmente, à medida que o *self* se desenvolve em força

⁹ No esclarecimento do processo de integração, Winnicott aponta para os três principais aspectos que o constituem, o que ele chama de “tarefas fundamentais”. Tal assunto é tratado no item 4 do capítulo II: “Criatividade e desenvolvimento das tarefas fundamentais”.

e complexidade, essa regressão à não-integração aproxima-se mais e mais do doloroso estado de desintegração ‘enlouquecedora’” (*Idem*, 1990 [1988], p. 138-139). Em um estágio posterior do amadurecimento a não-integração somente é possível em certas situações da psicoterapia ou na loucura (*Ibidem*).

Mesmo após o desenvolvimento de um si-mesmo integrado e do estabelecimento de uma ordenação psíquica tomando o lugar da não-integração e da amorfia, há um núcleo da personalidade que se mantém intocado. As experiências do bebê no mundo são aquilo que o faz amadurecer e se integrar, mas algo no indivíduo não se relaciona com o mundo e não se submete a ele para nele ganhar forma. Esta porção da personalidade não se conforma à realidade externa. A manutenção disto é o que permite que o ser humano seja criativo e que conserve algo absolutamente pessoal por toda a vida.

Sugiro que há um núcleo da personalidade que corresponde ao eu verdadeiro da personalidade *split* (cindido); sugiro que este núcleo nunca se comunica com o mundo dos objetos percebidos, e que a pessoa percebe que não deve nunca se comunicar com, ou ser influenciado pela realidade externa. Este é meu ponto principal, o ponto do pensamento que é o centro de um mundo intelectual e de meu estudo. Embora as pessoas normais se comuniquem e apreciem se comunicar, o outro fato é igualmente verdadeiro, *que cada indivíduo é isolado, permanentemente sem se comunicar, permanentemente desconhecido, na realidade nunca encontrado* (Winnicott, 1983 [1965j], p. 170).

É possível notar que criatividade e pessoalidade estão sempre juntas. Ele evidencia que o ser humano somente pode ser criativo quando vive de maneira própria e pessoal. Para que esta forma de viver seja possível, é necessário um bom desenvolvimento da personalidade, o que depende de um ambiente favorável, provedor de cuidados principalmente nas primeiras fases da vida. “O desenvolvimento, especialmente no início, depende de um suprimento ambiental satisfatório” (Winnicott, 1989 [1986b], p. 4). Segundo Dias, “é nesse período que estão sendo constituídas as bases fundamentais da existência, ou seja, os alicerces da personalidade e da saúde psíquica” (Dias, 2003, p. 98-99).

Em geral a mãe é a responsável pelos cuidados dispensados ao bebê e serve como o primeiro objeto no qual ele vai explorar sua criatividade. Os contatos iniciais significativos com o mundo costumam se dar naquilo que Winnicott chama de primeira mamada teórica. É neste contexto que aparecem as primeiras manifestações da criatividade no mundo. Apesar de Winnicott se referir sempre a

este momento ao discutir criatividade primária, o potencial criativo é inato e, já no útero, o feto tem elaborações criativas, conforme crê o autor.

O que é necessário para que então a criatividade possa se manifestar é um mundo no qual ela o faça, e isto é apresentado através da mãe e mais especificamente de seu seio nas primeiras experiências de amamentação. O bom funcionamento desta primeira mamada teórica depende da relação entre mãe e bebê. Se tudo ocorrer de forma satisfatória, nesses primeiros contatos a experiência criativa pode ser experimentada e desenvolvida ao longo da vida. Em oposição, um começo problemático pode corromper a capacidade de sentir-se criativo de forma a afetar todo o processo de amadurecimento.

A vida não criativa é patológica no entendimento de Winnicott. A criatividade primária quando não experimentada na infância pode levar ao desenvolvimento de um adulto que não age no mundo por vontade própria, mas respondendo às demandas externas sem que a vida faça sentido para ele. Indivíduos assim se submetem à realidade à custa de sua personalidade, pois foi o que aprenderam a fazer. Este tipo de comportamento implica na supressão da própria subjetividade, que é totalmente substituída pelo mundo objetivo.

Na vida adulta, quando há saúde, a criatividade se faz presente como um desenvolvimento do potencial criativo primário. Conforme escreve Winnicott ela é expressa na arte, religião e manifestações culturais em geral. Qualquer atuação saudável e prazerosa no mundo tem em sua base um impulso criativo próprio. O ser humano que não vive criativamente não sente prazer no que faz, ele pode perceber-se como indiferente à vida.

Uma autora que compartilha grande parte das ideias de Winnicott a respeito da criatividade é Marion Milner (1900-1998). Os trabalhos de ambos se relacionam e eles mantinham contato realizando constantes discussões teóricas. Ela o conheceu em uma de suas palestras e passou a frequentar sua clínica no hospital infantil Paddington Green como observadora (Milner, 1987 [1972], p. 245-246).

Milner, assim como Winnicott, concebe a criatividade como uma forma de expressão que torna próprio aquilo que pertence ao mundo e aponta para o brincar e para a arte como duas possibilidades desta apropriação. Em concordância com Winnicott ela acredita serem necessários “estados de ilusão de unicidade com o

meio” (Milner, 1987 [1952], p. 105) para que seja alcançada uma relação saudável com os objetos;

as identificações básicas que tornam possível encontrar novos objetos, encontrar o familiar no que não é familiar, requerem uma capacidade de tolerar uma perda temporária do *self*; requerem uma desistência temporária do ego discriminante, que fica apartado tentando ver objetivamente as coisas, tentando vê-las racionalmente, sem as cores emocionais (Milner, [1952], p. 102).

Apesar desta convergência de pensamentos, as ideias de Winnicott diferem das de Milner em um aspecto essencial: a autora ainda vê a criatividade como fruto da projeção de algo introjetado, já a teoria winnicottiana introduz uma grande inovação em relação à psicanálise ao discordar desta concepção e, ao contrário, conceber a criatividade como aquilo que possibilita que o mundo se inaugure frente ao bebê de forma pessoal antes da existência de um si-mesmo no qual possa haver introjeções. Isto significa que para Winnicott a criatividade é primária.

Esta é uma questão de extrema importância, pois está na base da diferença entre a teoria de Winnicott e a da psicanálise ortodoxa. Para Freud, o fator de maior relevância no desenvolvimento psíquico do ser humano é a sexualidade. Isto fica claro em sua obra *Três ensaios sobre sexualidade* (1996 [1905]), na qual concebe o ser humano como movido por pulsões sexuais desde seu nascimento, as quais teriam papel fundamental nas interações com o mundo e possibilitariam que ele se tornasse significativo para o indivíduo por meio da internalização dos objetos.

Estabelecemos o conceito da *libido* como uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual. (...) Deveria ser tarefa de uma teoria da libido, no campo dos distúrbios neuróticos e psicóticos, expressar todos os fenômenos observados e os processos deduzidos em termos da economia libidinal (Freud, 1996 [1905], p. 205-206).

De forma diferente, Winnicott concebe o desenvolvimento humano em termos de amadurecimento pessoal, o que significa constante processo de integração do si-mesmo. A criatividade exerce papel fundamental nisso, sendo imprescindível em uma interação saudável com o mundo, pois somente ela permite sua significação. Nas palavras de Phillips:

desde o início, ele (Winnicott) afirmava, o bebê buscava contato com uma pessoa, não a gratificação instintual de um objeto. (...) ele clama

por intimidade, não apenas alívio da tensão – pela proximidade, não só pela satisfação” (2006 [1988], p. 31).

Para Loparic as diferenças entre a psicanálise ortodoxa e a winnicottiana existem em aspectos bastante fundamentais que dizem respeito à concepção de ser humano.

O processo do amadurecimento de Winnicott não é, como no desenvolvimento da sexualidade de Freud, o resultado das atividades de forças psíquicas (instintos de vida e morte e suas misturas) no aparelho psíquico, mas a manifestação da natureza humana. (...) Enquanto cresce, o ser humano segue em frente impulsionado pela necessidade de continuar a ser e por todas as outras necessidades que advêm desta necessidade fundamental a qual também pertence à essência do homem, sobretudo para se tornar um si-mesmo independente (Loparic, p. 9, 1999).

Segundo Loparic, Winnicott produziu uma mudança paradigmática na psicanálise, e nisto deslocou o exemplar¹⁰ psicanalítico do complexo de Édipo para o “paradigma do bebê-no-colo-da-mãe” (Loparic, 2001, p. 45). Isto significa que, para Winnicott, as bases para o amadurecimento humano se dão nesta relação inicial. Esta mudança de concepção permite a elaboração de uma teoria que concebe a criatividade primária como essencial nesta etapa da vida. É criativamente que o bebê estabelece a base de uma relação saudável com o mundo.

Ainda em relação às diferenças entre a psicanálise ortodoxa e a teoria de Winnicott, deve-se diferenciar os conceitos de sublimação e reparação do de criatividade primária. Anteriormente ao desenvolvimento deste último a ação construtiva ou criativa era vista somente como resultado de sublimação ou de reparação.

A teoria freudiana de sublimação é diretamente confrontada pelo conceito winnicottiano de criatividade e esta é uma questão constantemente abordada por diferentes autores. A criatividade, para Freud, dependeria da projeção de um mundo previamente introjetado e seria resultado da descarga libidinal de uma energia sexual desviada de seu objeto original. Como na infância, a partir do complexo de

¹⁰ Loparic se baseia na teoria de Kuhn [2003 (1970)] para escrever a respeito da mudança paradigmática realizada por Winnicott. Para Kuhn, um paradigma se constitui por generalizações-guia e modelos ou exemplares. Segundo Loparic, a generalização-guia da psicanálise tradicional era a teoria da sexualidade e seu exemplar o complexo de Édipo. Na mudança realizada por Winnicott a generalização-guia é a teoria do amadurecimento, que concebe o ser humano como constituído por uma tendência inata ao crescimento em um caminho que parte da dependência absoluta para a independência relativa, e seu exemplar é a relação inicial do “bebê-no-colo-da-mãe”.

castração, o indivíduo passaria a reprimir sua sexualidade, esta energia acumulada passaria a ser expressa de uma forma culturalmente aceita no que foi chamado sublimação.

Os historiadores da cultura parecem unânimes em supor que, mediante esse desvio das forças pulsionais sexuais das metas sexuais e por sua orientação para novas metas, num processo que merece o nome de *sublimação*, adquirem-se poderosos componentes para todas as realizações culturais. Acrescentaríamos, portanto, que o mesmo processo entra em jogo no desenvolvimento de cada indivíduo, e situaríamos seu início no período de latência sexual da infância (Freud, 1996 [1905], p. 167-168).

Para Winnicott a expressão criativa e as realizações culturais não são resultado de uma frustração sexual desviada de seu objetivo, ou ao menos não o são quando saudáveis. Elas são sim consequência do desenvolvimento da criatividade primária, fenômeno anterior a qualquer introjeção ou repressão da sexualidade.

O conceito kleiniano de reparação também baseia uma construção individual no campo cultural não como resultado de um impulso espontâneo e original, como é a criatividade, mas como consequência de uma necessidade de compensar pelos ataques destrutivos realizados, aplacando desta forma o sentimento de culpa.

Ligado às questões da criatividade primária Winnicott desenvolveu uma teoria a respeito de elementos feminino e masculino. No início da vida o bebê é um ser indiferenciado e nas primeiras relações com o seio materno, ele se mistura a este em uma identificação absoluta. Tal estado se relaciona com o elemento feminino puro. Ele é a base do sentimento de ser, desenvolvido na relação com este seio. O elemento masculino, em contraste, relaciona-se com o impulso instintivo e com aquilo que faz parte dos relacionamentos do si-mesmo com o mundo objetivo, o que significa que este elemento se manifesta somente após a conquista do si-mesmo. “O elemento masculino faz, ao passo que o elemento feminino (em homens e mulheres) é” (Winnicott, 1975 [1971g], p. 115). O elemento masculino pertence a uma etapa posterior do amadurecimento e depende do anterior desenvolvimento do elemento feminino.

Segundo Winnicott, todos homens e mulheres possuem um elemento feminino e um masculino que coexistem em uma mesma pessoa, elementos que

podem se apresentar de forma totalmente dissociada ou também mesclados. Em organizações defensivas é possível que um deles seja dissociado e expelido.

A característica fundamental dos elementos masculinos e femininos é apresentada por Winnicott no contexto da relação de objeto. “O elemento feminino puro relaciona-se com o seio (ou com a mãe) no sentido de o bebê tornar-se o seio (ou a mãe), no sentido de que o objeto é o sujeito” (Winnicott, 1975 [1971g], p. 113). É o elemento feminino que constitui a base da qual poderá emergir o si-mesmo. Conforme as palavras do autor:

No crescimento do bebê humano, à medida que o ego começa a organizar-se, isso que chamo de relação de objeto do elemento feminino puro estabelece o que é talvez a mais simples de todas as experiências, a experiência de ser (1975 [1971g], p. 114).

Winnicott aponta para o fato de que o “elemento feminino puro nada tem a ver com o impulso (ou instinto)” (1975 [1971g], p. 117). O estágio no qual o bebê começa a se identificar com o seio é anterior à capacidade de discriminar os impulsos, não há ainda uma estruturação complexa do ego. O elemento feminino se refere a esta identificação que não exige a existência de um si-mesmo, enquanto o elemento masculino puro “transita em termos de um relacionamento ativo ou passivo, cada um deles apoiado pelo instinto” (Winnicott, 1975 [1971g], p. 113).

Para que possa existir o elemento masculino é preciso antes ter sido alcançado o ser por meio da identificação característica do elemento feminino. O primeiro necessita de uma maior complexidade de ego e pressupõe a separação entre "eu" e "não-eu". A partir deste grau de amadurecimento é possível experimentar a satisfação dos impulsos, que “acentua a separação do objeto quanto ao bebê e conduz à objetivação do objeto” (Winnicott, 1975 [1971g], p. 115).

De acordo com Winnicott, o elemento masculino se relaciona àquilo que mais foi estudado pela psicanálise. Conforme apontou em alguns textos, pouco havia sido estudado antes a respeito de fases mais primitivas do ser humano que precedessem o estabelecimento de um mecanismo mental complexo. “O enunciado clássico referente a encontrar, utilizar, erotismo oral, sadismo oral, fases anais, etc., surge de uma consideração da vida do elemento masculino puro” (Winnicott, 1975 [1971g], p. 117). Tudo o que envolva a satisfação de um impulso tem a presença deste elemento.

O bom desenvolvimento do elemento feminino em homens e mulheres depende de provisões ambientais suficientes. Um dos possíveis caminhos patológicos do desenvolvimento se desenrola quando a mãe não é capaz de apresentar um seio que é, mas sim que faz, um seio de elemento masculino. Como consequência “ao invés de ‘ser como’, esse bebê tem de ‘fazer como’, ou ser-lhe feito, o que, do nosso ponto de vista aqui, constitui a mesma coisa” (Winnicott 1975 [1971g], p. 116-117).

O surgimento de relações de objeto de elemento masculino puro dependem da conquista anterior do estado de ser. Também o viver criativo necessita do bom estabelecimento dos fundamentos do si-mesmo, o que pressupõe a possibilidade da mãe de apresentar-se em seu elemento feminino ao bebê.

2 A CRIATIVIDADE E A CONQUISTA DO SI-MESMO

2.1 Elaboração imaginativa

Para iniciarmos uma compreensão da criatividade no começo da existência humana partiremos do questionamento a respeito do que seria este começo na teoria winnicottiana.

Winnicott, em termos de etapas do amadurecimento humano, não inicia sua teoria a partir do nascimento, mas antes disso. Para ele começo da vida psíquica se dá pela “elaboração imaginativa”, conceito influenciado pelos pensamentos de Melanie Klein que introduziram uma nova perspectiva à questão das fantasias elaboradas com base nas funções corpóreas. Partindo das ideias kleinianas, Winnicott coloca esta questão como algo extremamente primitivo e anterior a qualquer consciência de um eu e de interno e externo, contrariando em grande parte o que havia sido pensado por Klein.

Penso que a elaboração imaginativa está intimamente relacionada à criatividade primária. Pelos escritos de Winnicott, é possível entendê-la como uma elaboração criativa e pessoal das funções corpóreas.

De acordo com a teoria winnicottiana o ser humano não possui a princípio uma estruturação psíquica. Nisto sua teoria difere da psicanálise ortodoxa que segue a ideia freudiana de um aparelho psíquico *a priori*. Para Winnicott não há uma organização inicial, mas sim a não-integração. A única característica que ele considera existente desde o começo, sendo inata ao homem, é a tendência ao amadurecimento; o movimento em direção à integração do eu em uma unidade.

Em algum momento, anterior mesmo ao nascimento, há o início deste processo e a não-integração começa a dar lugar à ordem. O autor reconhece a dificuldade em se estabelecer quando aparecem os primeiros desenvolvimentos psíquicos iniciando o processo de amadurecimento. Da mesma forma seria difícil

estabelecer o começo da vida criativa em um ser humano, porém é certo que conforme seu pensamento ambos ocorrem ainda no útero e que a expressão criativa é tão precoce quanto a própria psique. Para Winnicott

a psique começa como uma elaboração imaginativa das funções somáticas, tendo como sua tarefa mais importante a interligação das experiências passadas com as potencialidades, a consciência do momento presente e as expectativas para o futuro (1990 [1988], p. 37).

Ela se desenvolve a partir das experiências corpóreas, que fornecem material a ser processado de forma imaginativa pelo bebê. Assim os estímulos sentidos levam à construção de um mundo psíquico de imagens criadas.

A relação entre psique e soma é de extrema importância na compreensão da elaboração imaginativa. “A pessoa total é física, se vista de um certo ângulo, ou psicológica, se vista de outro” (Winnicott, 1990 [1988], p. 29). Ambos os aspectos se relacionam, podendo esta relação se fortalecer ou se enfraquecer. As questões emocionais têm repercussões somáticas e vice-versa.

A relação psicossomática tem seu desenvolvimento a partir da existência física. “A base da psique é o soma” (Winnicott, 1990 [1988], p.37). O cérebro é a raiz do funcionamento emocional e somente tendo primeiro um corpo minimamente saudável poderá então se desenvolver um indivíduo emocionalmente são, mas os dois elementos da dicotomia não devem ser confundidos, assim como “não devem ser distinguidos um do outro, exceto quanto à direção desde a qual estivermos olhando” (Winnicott, 2000 [1954a], p. 333).

Portanto, é na relação com o próprio corpo que se origina a psique no que Winnicott chama de elaboração imaginativa. Ela pode ser compreendida como uma fantasia relativa às funções corpóreas. No texto *O animal humano* (2000), Loparic faz uma análise a respeito do conceito de elaboração imaginativa. Como explica tal autor o termo é usado

‘para redescrever’ a teoria tradicional da elaboração das funções corpóreas, pois, de fato, o termo ‘fantasia’ em Freud, em Klein e em kleinianos (Bion da primeira fase, entre outros), não tem o significado que lhe é atribuído por Winnicott. Na acepção tradicional, fantasia é uma operação *mental*, que se desdobra, desde o início, em introjeção e projeção. Em Winnicott o mesmo termo recebe um outro significado, o de *esquematização* do que o corpo faz ou deixa de fazer (Loparic, 2000, p. 14).

Apesar de diferir na visão de fantasia em relação à psicanálise tradicional, Winnicott costuma utilizar o mesmo termo, porém com outro significado. Quando usa a palavra fantasia se refere àquela de sua própria concepção, a qual remonta às origens do psiquismo.

É importante diferenciar elaboração imaginativa de outros dois conceitos: *fantazying* (fantasiar) e *contrived fantasy* (fantasia propositada):

Aqui temos um esclarecimento de importância capital: a fantasia ou a elaboração imaginativa de Winnicott não é o *fantazying*, o fantasiar que acompanha os distúrbios psíquicos relativos ao contato com a realidade, nem a fantasia exercida pela nossa engenhosidade, mas o *todo da vida psíquica* tal como existe antes da formação de imagens visuais ou auditivas e – esse ponto é particularmente importante – antes da verbalização (Loparic, 2000, p. 15).

A concepção kleiniana de fantasia está mais relacionada com o que é para Winnicott o fantasiar. Para Klein, a fantasia se expressa na busca de lidar com uma frustração. Ela via estas manifestações como sintomas secundários a um conflito. No entanto, Winnicott considera a fantasia algo primário e que existe antes mesmo do estabelecimento dos primeiros contatos com a realidade.

A fantasia é para Winnicott uma elaboração pessoal, algo que surge do próprio indivíduo, de sua fonte de criatividade primária que independe do mundo e de experiência prévia para existir, mas que precisa do mundo para se expressar.

Em contraponto à fantasia, Winnicott coloca os conceitos “devaneio” e “fantasiar”. Ambos são classificados como formas defensivas de lidar com a realidade interna. Para se defender o indivíduo foge para a realidade externa e, ao fantasiar e devanear, a controla de maneira onipotente. Em resumo, na tentativa de negar a realidade interna ele se volta para uma manipulação fantasiosa da realidade externa (Winnicott, 2000 [1958k], p. 199-217). Nesta manipulação nega sua impotência e os conflitos e angústias internos.

No texto *Sonhar, fantasiar e viver: uma história clínica que descreve uma dissociação primária* (Winnicott 1975 [1971h]), o autor contrapõe o viver e o sonhar ao fantasiar e devanear, relacionando os primeiros à saúde e os últimos à patologia.

O sonho ajusta-se ao relacionamento com objetos no mundo real, e o viver no mundo real ajusta-se ao mundo onírico por formas que são bastante familiares, especialmente a psicanalistas. Em contraste, porém, o fantasiar continua sendo fenômeno isolado, a absorver

energia, mas sem contribuir quer para o sonhar quer para o viver (*ibidem*, p. 45).

O fantasiar é um funcionamento dissociado do si-mesmo. Tal dissociação não se relaciona com o indivíduo total nem com a realidade, permanece isolada. O fantasiar é estático, uma repetição inerte que nada constrói.

O sonhar, que é contrastado ao fantasiar, Winnicott equipara ao viver. Na vida saudável e no sonho o indivíduo total participa de forma criativa. O si-mesmo é tocado pelo que lhe acontece enquanto contribui ativamente. Nestas experiências o indivíduo tem a plena sensação de estar vivo. “Observe-se que o brincar criativo é afim ao sonhar e ao viver, mas essencialmente, não pertence ao fantasiar” (Winnicott 1975 [1971h], p. 52).

Em relação ao sonho, Christopher Bollas acredita que

talvez nos voltemos para a não-integração quando sonhamos, dispersando o *self* dentro de um arquipélago de muitos ‘seres’, atuando em muitos papéis determinados pelo ‘ego’ no teatro da noite¹¹ (Bollas, 1998 [1992], p. 6).

Dessa afirmação é possível pensar no sonho como um estado muito próximo ao do início da vida, no qual o indivíduo pode esquecer-se de si e do mundo e ser absolutamente pessoal e criativo.

Segundo Maria Ivone Accioly Lins, ao pensar no sonho, Winnicott preocupa-se menos do que os psicanalistas tradicionais com o seu sentido; “sentido oculto a ser desvendado” (Lins, 1998, p. 73). Sua atenção não se volta tanto para a interpretação dos conteúdos oníricos. Referindo-se a Winnicott e a outros que seguem linha de pensamento semelhante, Lins afirma que:

o valor terapêutico do sonho em si, isto é, independente da sua interpretação pelo analista, foi enfatizado por aqueles que vêem na capacidade de sonhar, recordar e contar o sonho um fator propiciador de integração do material onírico à experiência pessoal do indivíduo (*ibidem*).

¹¹ Para Bollas, aquele que participa do sonho é o que classifica de “si-mesmo simples”, um si-mesmo pré-reflexivo que não tem consciência de seu ser. Este estado é verdadeiramente pessoal e criativo. Nele o indivíduo se perde na experiência e se esquece de si. O autor exemplifica vivências desse tipo como o enamorar-se ou o perder-se em uma conversa [Bollas 1998 (1992), p. 6-8]. O si-mesmo simples tem a influência da obra de Winnicott que, apesar de não ter utilizado tal termo, parece referir-se à mesma coisa quando escreve sobre aquelas experiências nas quais o indivíduo está vivendo de forma criativa.

Voltando à questão da fantasia corpórea, pode-se compreender a elaboração imaginativa como uma apropriação pessoal do corpo e conseqüentemente da realidade (já que aquele é o meio de contato com ela), que possibilita a existência de um sentido próprio na relação psicossomática. Como apontado por Loparic, a elaboração imaginativa é anterior a certos desenvolvimentos que correspondem às primeiras adaptações à realidade (formação de imagens visuais, auditivas e verbalização). Por isso ela possui um caráter de absoluta personalidade, sem ser, de qualquer forma, uma resposta submissa aos estímulos físicos. É devido a isto que o ser humano pode encontrar sentido em sua vida e em seu corpo, que no desenvolvimento saudável passa a partir de certo estágio a ser percebido como seu próprio si-mesmo. “(...) Na saúde existe eventualmente um estado no qual as fronteiras do corpo são também as fronteiras da psique” (Winnicott, 1990 [1988], p. 144).

Conforme escreve Loparic

a dação do significado operada pela elaboração imaginativa é relacionada com a *criatividade* humana em geral. (...) Mesmo sem se inscrever na dimensão representacional ou simbólica da natureza humana, a elaboração imaginativa originária é essencialmente relacionada ao sentido. Na origem, a fantasia não é, de modo algum, a fantasia *da* origem, mas – essa é a tese que gostaria de propor – a *dação de sentido* (*Sinngebung*) aos movimentos do corpo (2000, p. 16, 17).

Uma das características portanto da elaboração imaginativa é está dação de sentido, “é a transfiguração do funcionamento corpóreo em comportamento humano” (Loparic, 2000, p. 18). Desta forma é possível ao ser humano identificar-se com seu corpo e percebê-lo um todo integrado em um si-mesmo. Assim pode ser realizada uma das primeiras tarefas do processo de amadurecimento: o alojamento da psique no corpo também chamada personalização.

Este sentido que é alcançado por meio da elaboração imaginativa é também obtido em todos os âmbitos da vida através do viver criativo em geral. A existência de sentido é condição para uma vida emocional saudável. Para Winnicott o ser humano deve ter ao longo de todo seu amadurecimento, o que significa até a morte, ao menos um pouco de fantasia “colorindo” a realidade e proporcionando o sentimento de que a vida vale a pena.

Em contraste com a expressão criativa própria que confere sentido à vida, a ação forçada, resultado de pressões do mundo externo que submetem o indivíduo, é destituída de sentido. Nesta forma de agir a pessoa é alienada de si, quando isto se torna um padrão de comportamento surge o que Winnicott denomina falso si-mesmo.¹²

Assim como é atribuída por Winnicott grande importância à influência ambiental sobre o processo de amadurecimento em todas as idades e especialmente no início, também o bom desenvolvimento da elaboração imaginativa depende do suporte de um ambiente favorável.

A elaboração imaginativa começa a se desenvolver no primeiro estágio da vida, que é denominado por Winnicott com de dependência absoluta, o que significa que ao bebê não é sequer possível ter consciência de sua dependência. Nesta fase a mãe deve adaptar-se totalmente às necessidades do bebê para propiciar um ambiente suficientemente bom.

Tais questões são relevantes mesmo nas primeiras elaborações imaginativas, que ocorrem *in utero*, pois já podem ocorrer falhas ambientais. Conforme há o aumento da complexidade da elaboração imaginativa ao longo da vida, a participação do ambiente se torna menos importante, mas mesmo na vida adulta esta influência deve ser considerada, podendo revelar-se de grande relevância, especialmente em situações extremas.

2.2 Fase intra-uterina e nascimento, e a apropriação das experiências

Em algum momento da vida intra-uterina ocorre um “primeiro despertar” tirando o ser humano do que Winnicott chama de “solidão essencial”, estado primordial de não-integração. A partir de então se desenvolve “uma consciência (*awareness*) incipiente da continuidade de ser e da continuidade do existir no tempo” (Winnicott, 1990 [1988], p. 157). Atingindo este estágio torna-se importante para o bebê continuar a ser. “Ao longo da vida até a morte, a continuidade de ser

¹² Em relação ao falso si-mesmo *vide* item 2 “Fase intra-uterina e nascimento, e a apropriação das experiências”.

permanecerá como o problema fundamental; sua preservação equivale à saúde” (Dias, 2003, p. 158).

Deste estágio em diante a quebra na “linha do ser” começa a ser experimentada como algo angustiante, pois estando a psique integrada ela pode se desintegrar. Não existe caos ou desintegração antes de haver ordem ou integração (Winnicott, 1990 [1988], p. 157). Durante uma fase inicial do processo de integração ainda são possíveis momentos de relaxamento que representam retornos ao estado de não-integração, mas à medida que o ser humano vai amadurecendo e organizando sua psique tais momentos se tornam mais raros e tais retornos passam a significar a desintegração, uma quebra na continuidade de ser.

É quando surgem os primeiros sinais de integração que aparece pela primeira vez a questão da oposição entre gesto próprio possuidor de sentido e a reação submissa ao mundo externo.

Winnicott atribui grande importância à personalidade do gesto. Para ele o ser humano somente encontra sentido na vida se tiver a possibilidade de se relacionar com o mundo de forma própria. Esta questão começa a se tornar importante no útero e já nesta fase pode se iniciar um padrão de desenvolvimento saudável ou não. “Em termos do amadurecimento pessoal, a questão fundamental que se põe, já neste início, relaciona-se com a oposição entre espontaneidade e reatividade, oposição que estará presente, em crescente complexidade, ao longo da vida” (Dias, 2003, p. 158).

Utilizaremos aqui as palavras de Winnicott inspiradas nas imagens sugeridas por uma paciente (Winnicott, 2000 [1958f], p. 264) para elucidar a questão:

Se tomarmos como analogia uma bolha, podemos dizer que quando a pressão externa está adaptada à pressão interna, a bolha pode *seguir existindo*. Se estivéssemos falando de um bebê humano, diríamos “sendo”. Se, por outro lado, a pressão no exterior da bolha for maior ou menor que aquela em seu interior, a bolha passará a *reagir à intrusão*. Ela se modifica como reação a uma mudança no ambiente, e não a partir de um impulso próprio. Em termos do animal humano, isto significa uma interrupção no ser, substituída pela reação à intrusão. Cessada a intrusão, a reação também desaparece, e pode haver, então, um retorno ao ser. Parece-me que é uma descrição capaz não apenas de nos levar até a vida intra-uterina sem um grande esforço de imaginação, mas também de ser levada para frente, podendo ser aplicada de modo útil como

simplificação extrema dos processos muitíssimos mais complexos da vida posterior, em qualquer idade (Winnicott, 1990 [1988], p. 148).

Na vida intra-uterina, mesmo estando o bebê protegido e pouco exposto ao mundo externo, muito pode acontecer resultando em intrusões ameaçadoras à continuidade de ser. Nesse sentido, Winnicott aponta para “a rigidez ou inadaptabilidade da mãe (devidas à ansiedade ou a um estado depressivo)” (1990 [1988], p. 149), e Dias afirma que “cada vez mais se comprova, empiricamente, que o feto pode sentir mudanças repentinas no ritmo cardíaco da mãe, bem como suas movimentações bruscas ou os efeitos de uma alimentação tóxica ou desregrada” (2003, p. 159).

Portanto neste estágio a saúde depende de um ambiente facilitador que não atue sobre o bebê de forma intrusiva. A adaptação ao bebê deve ser absoluta. Isto não significa no entanto que intrusões irão certamente resultar em um desenvolvimento patológico, mas é importante que elas não sejam frequentes nem duradoras. Como explica Winnicott, o bebê pode suportar uma intrusão por um determinado período sem que haja uma quebra na continuidade de ser, porém, passado algum tempo, há uma reação e é experimentada esta quebra e, com ela, a desintegração.

O ideal é que a partir de um estado tranquilo, no qual o bebê se encontra isolado e relaxado podendo experimentar a não-integração, surja dele próprio uma iniciativa de contato com o ambiente. Quando tal ocorre o gesto é possuidor de sentido. Depois disso, o bebê pode novamente se recolher em isolamento, momento no qual o que ocorreu pode ser elaborado e integrado.

Este impulso próprio do bebê que se transforma em ação é chamado por Winnicott de “gesto espontâneo”. Sua origem é primária, não depende do prévio contato com o mundo para existir. Ele é um potencial inato resultado de um impulso criativo; a criatividade primária.

Nos escritos de Winnicott é possível perceber íntima relação entre o gesto espontâneo e a agressividade. Para ele “em suas origens, a agressividade é quase sinônimo de atividade” (Winnicott 2000 [1958b], p. 289). Os impulsos agressivos no início não podem ser relacionados à raiva ou ódio, sentimentos que dependem de certo grau de maturidade para existirem. Para Winnicott, a princípio, a agressividade está ligada a duas coisas: o amor primitivo e a motilidade. O amor primitivo pode ser

expresso pelo bebê com o morder o seio ou outras manifestações agressivas que não supõe qualquer intenção de machucar ou destruir, são simplesmente impulsos naturais. Também são naturais os impulsos a movimentar-se do bebê. Com estes o indivíduo encontra objetos que se opõe a seu movimento e nisto começa a estabelecer a diferenciação entre eu e não-eu. Por isso é importante que haja algo a ser encontrado como resistência na ação do bebê.

Winnicott evidencia em sua teoria a importância da compreensão dos estados tranquilos e excitados do bebê. Os estados tranquilos são necessários para que deles surja o gesto espontâneo, também são importantes para que seja elaborado aquilo que ocorre durante os estados excitados, estes são momentos determinados pelos impulsos internos, no início da vida representam os períodos de integração. Ao longo da existência a alternância entre os dois estados continua acontecendo, mas é no começo que este ciclo tem fundamental importância, sendo que seu transcorrer normal propicia uma boa integração e um bom desenvolvimento da criatividade.

Em contraponto, quando a iniciativa de contato surge do ambiente “isto merece o título de intrusão. O indivíduo reage à intrusão que é imprevisível, por não ter relação alguma com o processo vital do próprio indivíduo” (Winnicott, 1990 [1988], p. 149). Nestes casos há uma angustiante quebra na continuidade de ser e a normalidade somente pode ser restabelecida com o retorno ao isolamento. As experiências intrusivas quando repetidas podem criar um padrão de relacionamento com o mundo no qual o indivíduo somente reage. Este é um comportamento de submissão ao mundo, no qual não existe gesto próprio e o sentimento predominante é de que a vida não tem sentido. A pessoa que aprendeu a ser desta forma não é capaz de sentir-se real, pois não pode construir um si-mesmo verdadeiro por meio de seus próprios impulsos, mas um si-mesmo falso em resposta às intrusões ambientais. Tal desenvolvimento além de “atrofiar” a criatividade é o que Winnicott aponta como a etiologia da psicose, patologia na qual o si-mesmo constituído se mantém sempre precário.

Para Winnicott o si-mesmo verdadeiro esta ligado ao gesto espontâneo. Em contraposição o falso si-mesmo se liga à reação, à intrusão. A mãe denominada pelo autor de “suficientemente boa” é capaz de receber o gesto do bebê e aquela que não o é, falha em sua tarefa e submete o lactente ao seu gesto. “Essa

submissão por parte do lactente é o estágio inicial do falso *self*, e resulta da inabilidade da mãe de sentir as necessidades do lactente” (Winnicott, 1983 [1965m], p. 133). O falso si-mesmo é desenvolvido “como uma defesa, a defesa contra o que seria inimaginável, a exploração do *self* verdadeiro, que resultaria em seu aniquilamento” (*ibidem*, p. 134).

O falso si-mesmo em seu desenvolvimento patológico pode tomar um lugar no funcionamento do indivíduo muito maior do que seria o natural. Desta forma ele opera dissociado do si-mesmo verdadeiro, que permanece oculto pelo falso si-mesmo. Aquele que vive assim tem poucas experiências ou nenhuma experiência na qual pode ser ele mesmo de forma espontânea e criativa, em vez disso, atua no mundo de forma falsa simplesmente respondendo às situações. “Enquanto o *self* verdadeiro é sentido como real, a existência do falso *self* resulta em uma sensação de irrealidade e em um sentimento de futilidade” (Winnicott, 1983 [1965m], p. 135).

Na normalidade: o falso *self* é representado pela organização integral da atitude social polida e amável, um ‘não usar o coração na manga’, como se poderia dizer. Muito passou para a capacidade do indivíduo de renunciar à onipotência e ao processo primário em geral, o ganho se constituindo o lugar na sociedade que nunca pôde ser atingido e mantido com o *self* verdadeiro isoladamente (Winnicott, 1983 [1965m], p. 131).

O excesso de intrusões no início do processo de amadurecimento pode levar a formação de um si-mesmo precoce para lidar com o ambiente, o que corresponde à formação de um falso si-mesmo. Neste caso

existem duas alternativas: no primeiro caso ocorre um desenvolvimento intelectual precoce. No segundo há um fracasso no desenvolvimento do intelecto. Tudo o que ficar entre os dois extremos será inteiramente inútil. Esse desenvolvimento intelectual é um problema, pois deriva de um estágio demasiadamente precoce na história do indivíduo, sendo portanto patologicamente desvinculado do corpo e de suas funções bem como dos sentimentos, impulsos e sensações do ego total (Winnicott, 2000 [1958f], p. 266-267).

Baseando-se em suas considerações a respeito da intrusão na vida do bebê, Winnicott conclui que “a influência ambiental pode iniciar-se numa etapa muitíssimo precoce, determinando se a pessoa, ao buscar uma confirmação de que a vida vale a pena, irá partir à procura de experiências, ou se retrairá, fugindo do mundo” (1990 [1988], p. 149).

Ao nascer, presumindo-se um desenvolvimento saudável, muitas experiências já foram acumuladas e guardadas na forma de memória. O bebê, tendo passado por algumas intrusões ambientais, habituou-se a elas. Tais experiências puderam ser organizadas de modo que o indivíduo passasse a lidar melhor com elas. Nas palavras de Winnicott: “no momento do nascimento a termo já existe um ser humano no útero, capaz de ter experiências e acumular memórias corporais e até mesmo organizar defesas contra possíveis traumas” (Winnicott, 1990 [1988], p. 165).

O nascer não é para o autor uma experiência traumática quando tudo ocorre normalmente, mas sim parte das vivências do desenvolvimento humano. No nascimento há uma fase de reação do bebê que quebra sua continuidade de ser, mas que não chega a ser “tão intensa ou tão prolongada a ponto de cortar o fio do seu processo pessoal e contínuo” (Winnicott, 2000 [1958f], p. 265), pois o indivíduo já está preparado para enfrentar este tipo de situação. No entanto o parto pode se constituir em trauma quando algo extraordinário ocorre como seu adiantamento, seu atraso, uma cirurgia cesariana etc.

De acordo com Winnicott quando tudo acontece normalmente o bebê se sente responsável por seu nascimento e acredita que os eventos decorridos são consequência de seus próprios impulsos. Esta é uma manifestação criativa na qual a realidade (o parto) ganha significado por meio de uma elaboração pessoal (a sensação de criar seu próprio nascimento).

Após o nascimento os cuidados maternos passam a ser os principais responsáveis por manter o bebê protegido de um excesso de intrusões e portanto apto a voltar-se ao mundo de forma espontânea. Um nascimento traumático pode ter seus efeitos amenizados por um ambiente que propicie uma volta ao estado de ser. Winnicott acredita que apenas alguns nascimentos podem ser traumáticos o suficiente para que somente sua vivência no contexto psicoterápico possa reparar os danos causados. Segundo ele, tais partos levam ao desenvolvimento de uma paranoia, estado de constante expectativa de ataque provindo do ambiente.

A partir do puerpério a mãe vai cuidar diretamente do recém nascido e a maneira dela lidar com esta relação passa a determinar o padrão de desenvolvimento. Se ela age de acordo com sua necessidade, por exemplo forçando o bebê a mamar quando ela o quer, estabelece-se um padrão de reatividade, mas

se ela se identifica com o bebê permitindo-o viver seus estados tranquilos e agir conforme seus impulsos internos desenvolve-se a capacidade à espontaneidade e à criatividade.

O desenvolvimento da criatividade depende da capacidade para o gesto espontâneo, o que somente é possível com a existência de um ambiente não intrusivo nas etapas precoces. Isto significa um ambiente que não suprima a espontaneidade ao estimular a reatividade.

Um possível desvio no desenvolvimento motivado por intrusões de um ambiente deficiente é o funcionamento precoce da mente ou intelecto (Winnicott utiliza ambos os termos como sinônimos em seus textos). As fases de reação do bebê estimulam uma atividade intelectual que surge como forma de proteção da psique. A mente passa a gravar os momentos de intrusão memorizando em detalhes a maneira como ocorrem desenvolvendo expectativas em relação a eles. Compreendendo-os melhor a psique pode ser então deles defendida.

Apesar de a memorização de intrusões ser parte do processo natural de desenvolvimento da mente, quando ela acontece desta forma prematura constitui-se um desvio que pode levar ao funcionamento do intelecto como algo separado da psique, ao contrário daquilo que é: uma especialização dela. Nestes casos é possível que o intelecto continue ao longo da vida “a esperar e mesmo ir de encontro às perseguições, a fim de colecioná-las e preservá-las ainda no intuito de proteger a psique” (Winnicott, 2000 [1958f], p. 274-275). Winnicott percebe nisto a origem da paranoia.

Outra alternativa de desenvolvimento intelectual nos casos de excesso de intrusões nas fases primitivas é o fracasso na organização das perseguições e consequente deficiência mental de origem não orgânica.

A mente que surge prematuramente e passa a existir de forma autônoma em relação ao resto do indivíduo dominando a psique caracteriza-se em uma forma de elaboração de um falso si-mesmo. Ele utiliza o intelecto para se relacionar com o mundo de maneira submissa, o que se opõe à vida própria e criativa. Nestas situações a criatividade se encontra totalmente “sufocada” pela intelectualidade.

2.3 Primeira mamada teórica

Para Winnicott a primeira mamada real pode não ser muito significativa em si devido à extrema imaturidade do bebê, no entanto é possível que ela estabeleça um padrão de relacionamento que determine se as mamadas seguintes serão positivas ou problemáticas. A primeira é importante no conjunto das experiências de amamentação, sendo que elas constituem uma construção de sentido.

Na primeira mamada teórica, em condições ideais, o bebê é movido por um impulso interno que resulta em um movimento de buscar algo, um gesto espontâneo em direção ao mundo externo. Neste momento o seio lhe é apresentado acolhendo seu gesto e assim do movimento do bebê surge aquilo de que ele necessitava, fazendo com que ele tenha a sensação de ter criado o seio.

O impulso inicial é perfeitamente recebido pelo mundo externo quando a mãe se adapta absolutamente ao gesto do bebê. Aquilo que ele encontra é exatamente o que buscava e por isso tem a ilusão da criação. O lactente acredita que foi seu gesto o que criou o seio materno.

Esta ilusão diferencia-se do conceito freudiano de alucinação, conforme adverte Dias (2003, p. 171). Para Freud o bebê alucina o objeto que busca quando este não é encontrado. Neste caso o objeto já é conhecido e lhe foi repetidamente apresentado, o que permitiu sua introjeção e posterior alucinação. Na teoria winnicottiana o objeto criado não é baseado em apresentações anteriores, são as primeiras experiências com o mundo que estão em questão. Luz escreve que “para Winnicott, os objetos não são uma fonte de ilusões, que algum tipo de saber deveria corrigir. Ao contrário, é a ilusão que é a fonte de todos os objetos” (1998, p. 238).

No estágio inicial do amadurecimento a mãe suficientemente boa adapta-se perfeitamente ao bebê, que é absolutamente dependente. Isto significa que o seio será apresentado no momento em que o lactente está pronto para criá-lo, que é quando partindo de um estado tranquilo aparecem tensões instintivas iniciando um estado excitado no qual é feito um gesto, possivelmente “um movimento impulsivo

da mão ou da boca em direção a um suposto objeto” (Winnicott, 1990 [1988], p. 122). Não seria adequado o início da amamentação antes, quando as tensões instintivas ainda não atingiram seu clímax, ou depois, quando o gesto criador já foi de encontro ao mundo e nada encontrou.

Para que exista a ilusão onipotente de criar o mundo é necessário que haja algo para ser criado, um objeto real que vá de encontro ao bebê. Apesar de a criatividade ser essencialmente subjetiva sua expressão depende de um mundo objetivo no qual a personalidade do indivíduo se projete. Cabe à mãe suprir com estes objetos externos a fim de manter a ilusão.

Se ela não for ‘boa’ o bastante neste sentido, o bebê não terá qualquer esperança de tornar-se capaz de manter relacionamentos excitados com objetos ou pessoas naquilo que nós, como observadores, chamamos o mundo real, externo ou compartilhado, ou seja, o mundo não criado pelo bebê (Winnicott, 1990 [1988], p.121).

No desenvolvimento normal, o que ocorre em resumo é que:

nesta primeira mamada (teórica), o bebê está pronto para criar, e a mãe torna possível para o bebê ter a ilusão de que o seio, e aquilo que o seio significa, foram criados pelo impulso originado na necessidade (Winnicott 1990 [1988], p.121).

Um possível problema neste estágio apontado pelo autor é a incapacidade da mãe ou cuidadora em apresentar o seio no momento certo. Muitas vezes é possível que a mãe não consiga lidar de forma adequada com seu bebê e decida fazê-lo mamar quando ela o quer, forçando o peito ao lactente. Isto pode ocorrer quando ela decide amamentar de acordo com sua vontade ou quando é demasiadamente ansiosa e não consegue esperar o momento em que é solicitada sofrendo em alguns casos a angústia de pensar não estar alimentando seu bebê suficientemente. Outro fator que pode interferir de forma negativa na amamentação é a transformação deste ato em uma técnica. Algumas pessoas estabelecem rígidos horários, duração, frequência etc., e estas práticas são por vezes disseminadas por autoridades médicas. Winnicott critica a excessiva interferência da ciência sobre como devem ser os cuidados maternos. Para ele a maternagem é guiada por uma intuição que deve ser seriamente considerada pois é algo instintivo que faz parte do ser humano. “Se a mãe estiver orientando suas relações com o bebê à sua própria

maneira, estará fazendo o melhor que pode pelo seu filho, por ela e pela sociedade em geral” (Winnicott, 1982 [1964a], p. 36).

Uma relação saudável entre bebê e mãe, na qual o mundo é apresentado nos momentos certos permitindo a ilusão da criação é possível devido a uma identificação da mãe com o bebê no que Winnicott classificou como “preocupação materna primária”. Neste estado há uma regressão que permite o processo de se identificar remetendo à cuidadora a fase na qual ela mesma necessitava dos cuidados de alguém. O ideal é que a mãe possa ser natural e que ela aja de maneira espontânea, e não impessoal, para que seu bebê possa se desenvolver com capacidade para a espontaneidade e criatividade, pois ele necessita não somente de atenção às necessidades físicas, mas também que, ao serem supridas estas necessidades, isso seja feito com afeto.

Os cuidados proporcionados para o bebê pela mãe ou substituta são resumidos por Winnicott pela palavra *holding*, que alguns autores traduzem por "sustentação" ou "segurar". O *holding* pode significar a própria sustentação física no útero ou nos braços da mãe, mas também possui um significado mais amplo que engloba todos os cuidados da infância. Mais futuramente este significado se estende para a vida adulta passando a incluir a função da família e podendo ser reconhecido no trabalho do psicólogo, do assistente social etc.

Num ambiente que propicia um "segurar" satisfatório, o bebê é capaz de realizar o *desenvolvimento pessoal de acordo com suas tendências herdadas*. O resultado é uma continuidade da existência, que se transforma num senso de existir, num senso de *self*, e finalmente resulta em autonomia (Winnicott, 2005 [1971f], p. 11).

Nas obras de Winnicott geralmente criatividade primária é relacionada à primeira mamada teórica, possivelmente por este evento ser o primeiro contato interpessoal mais significativo já fora do útero. Isto não significa entretanto que o potencial criativo surge a partir das experiências de amamentação, pois existe como algo inato independente das experiências e pronto para se manifestar de acordo com o estímulo e a provisão ambiental adequados.

As primeiras mamadas permitem que o bebê, que quase não possui experiência com o mundo fora do útero, expresse seu potencial criativo no encontro com um outro ser humano (a mãe). Este momento é de extrema importância pois depende dele o bom desenvolvimento da criatividade ao longo da vida. Esta fase

exerce grande influência na forma como o indivíduo se relacionará com o mundo, conforme já foi exposto, na teoria winnicottiana, quanto mais precoce o estágio de vida, maior a importância do ambiente e portanto mais determinantes as consequências de suas variações.

Nesta fase da vida os objetos não são percebidos como externos, não há diferenciação entre mundo interior e exterior ao si-mesmo, pois ainda não existe um si-mesmo. Tais objetos Winnicott denomina objetos subjetivos: “objeto ainda não repudiado como um fenômeno não-eu” (Winnicott, 1975 [1971g], p. 114). Em contraposição, posteriormente, no curso natural de amadurecimento é estabelecida uma divisão entre interno e externo e o sujeito passa a se relacionar com o mundo objetivo composto por objetos objetivos. Na relação entre eles e o indivíduo utiliza-se a palavra percepção, enquanto no caso dos objetos subjetivos utiliza-se o conceito de apercepção, que evidencia a característica predominantemente subjetiva da relação.

Por toda a vida do ser humano saudável a criatividade primária e a ilusão de ser responsável por criar o mundo se fazem presentes, porém não de forma tão explícita quanto no início. A base de uma relação saudável do indivíduo com o mundo é o sentimento de que o não-eu tem algo de eu, o que é consequência da criatividade primária. Ela pode ser suprimida pela razão, mas mesmo com a aquisição da compreensão intelectual acerca da realidade objetiva ela não deixa de existir como um sentimento.

O problema da criatividade primária foi discutido como pertencendo à mais tenra infância; mas para sermos precisos, trata-se de um problema que jamais deixa de ter sentido enquanto o indivíduo estiver vivo.

Gradualmente, surge uma compreensão intelectual do fato de que a existência do mundo é anterior à do indivíduo, mas o sentimento de que o mundo foi criado pessoalmente não desaparece (Winnicott, 1990 [1988], p.131).

2.4 Criatividade e desenvolvimento das tarefas fundamentais

No processo do amadurecimento o ser humano, para realizar seu potencial, precisa passar por etapas de desenvolvimento, tarefas a serem superadas. Winnicott enfatiza três destas tarefas que constituem a base do amadurecimento e com as quais o indivíduo se confronta neste primeiro estágio de vida que se inicia com a primeira mamada teórica e vai até a constituição do si-mesmo, momento a partir do qual as questões fundamentais em um ser humano saudável estão razoavelmente consolidadas, mas não deixam de ser importantes e se desdobrar (podendo haver regressões) até o fim da vida.

Do meu ponto de vista existem três processos cujo início ocorre muito cedo: 1 – integração; 2 – personalização; 3 – em seguida a estes, a apreciação do tempo e do espaço e de outros aspectos da realidade – numa palavra, a realização (Winnicott, 2000 [1945d], p. 222-223).

A criatividade exerce papel fundamental na execução destas tarefas. A primeira citada acima, a integração, somente é possível a partir das experiências pessoais do bebê. Estas constituem material para ser elaborado e integrado e somente ocorrerem de forma não traumática se houver a ilusão da onipotência criativa, que possibilita a atribuição do caráter pessoal.

Como já foi descrito, a mãe participa deste processo cuidando do bebê e apresentando-lhe o mundo sem deixá-lo buscar satisfação e não encontrá-la e sem perturbar seus estados tranquilos, o que leva à desintegração. Na busca de satisfação o bebê encontra o mundo e nisto encontra a si-mesmo por meio da criatividade, fortalecendo assim a integração.

A tendência a integrar-se é ajudada por dois conjuntos de experiências: a técnica pela qual alguém mantém a criança aquecida, segura-a e dá-lhe banho, balança-a e a chama pelo nome, e também as agudas experiências instintivas que tendem a aglutinar a personalidade a partir de dentro (Winnicott, 2000 [1945d], p. 224).

A personalização também é ajudada por estas mesmas experiências. Nesta tarefa o ser humano apropria-se de seu corpo e passa a se sentir dentro dele,

a isto auxilia o manuseio do corpo do bebê, o que Winnicott chama de “manejo” (*handling*). Como já foi aqui descrito a elaboração imaginativa participa deste processo permitindo a atribuição de significado pessoal ao próprio corpo.

Na personalização as experiências corpóreas são aglutinadas. Cada sensação e excitação são percebidas de maneira criativa e a experiência de estar criando o próprio corpo permite que ele seja sentido como seu.

A última tarefa citada, a realização depende da apresentação do mundo e da organização temporal de experiências pela memória. Somente um tempo e espaço próprios, o que significa que são criados pelo bebê, podem ter sentido e se desenvolver nas noções mais maduras de realidade. “Para que algum sentido de realidade se inicie, é necessário que lhe seja propiciado o único que lhe é possível neste ponto do amadurecimento: a realidade do mundo subjetivo” (Dias, 2003, p. 213). Nesta fase as relações com os objetos, que então se iniciam, se dão nos termos já descritos da ilusão.

A criatividade, fundamental no processo de amadurecimento e na passagem pelas tarefas descritas, continua a se desenvolver a partir da superação destes estágios, para o que é necessário um bom suporte ambiental. Tendo isto, a integração em seu significado mais amplo (já que a personalização e a realização constituem formas específicas de integração), que inicialmente aparece somente nos momentos de maior tensão instintiva para depois desaparecer, passa a se tornar cada vez mais frequente e duradora. Assim, o si-mesmo, incipiente no começo e que existe nos momentos de integração como uma breve consciência, vai se fortalecendo até a fase da vida em que se firma com a aquisição da consciência de si.

2.5 Transicionalidade

Quando surgiu, a teoria a respeito da fase transicional era totalmente original. Ela é reconhecidamente uma das maiores contribuições de Winnicott à teoria psicanalítica. Muito foi e ainda é escrito por autores a respeito destes fenômenos que começaram a ser discutidos a partir das considerações

winnicottianas. O primeiro texto a introduzir a ideia da transicionalidade já foi citado, *Objetos transicionais e fenômenos transicionais* (Winnicott, 1975 [1953c]), a partir do qual diversos outros foram escritos pelo autor. O autor Jan Abram, em seu livro *A linguagem de Winnicott* afirma que “no período anterior a 1951, quando Winnicott publicou seu estudo seminal *Transitional objects and transitional phenomena*, não havia na literatura psicanalítica qualquer relato referente ao hiato existente entre o interior e o exterior” (Abram, 2000 [1996], p. 254).

O estágio da transicionalidade marca a passagem do ser humano do estado de fusão com o meio para separação do mundo externo, de absoluta onipotência para reconhecimento dos limites, de total subjetividade para reconhecimento da objetividade, de apercepção para percepção. Entre estes dois conjuntos de opostos existe uma fase intermediária que é a transicional.

Winnicott propõe em sua teoria uma terceira abordagem do ser humano, que vai além da visão da natureza humana em termos de relacionamentos interpessoais ou de realidade interna. Esta abordagem inaugura a exploração de uma terceira área da experiência que é intermediária, localizada entre a realidade interna e a vida externa. Tal área existe “como lugar de repouso para o indivíduo empenhado na perpétua tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, ainda que inter-relacionadas” (Winnicott, 1975 [1953c], p. 15).

Os objetos e fenômenos transicionais, que participam nesta exploração da terceira área, surgem na vida do bebê antes de um ano, em um momento no qual ele começa a se desenvolver de forma a possibilitar a perda da ilusão onipotente e início do contato com o mundo objetivamente percebido. Partindo de um amadurecimento saudável até então é possível agora enfrentar a autonomia da realidade externa sem que isto seja desestruturante.

Depois do período que Winnicott nomeou de “dependência absoluta” inicia-se uma progressiva desadaptação da mãe em relação ao bebê levando à fase de “dependência relativa”. A mãe começa a sair do estado de preocupação materna primária voltando a ampliar o escopo de sua vida até então restrito em função do filho. A criança que, tendo contado com cuidados suficientes até então para se desenvolver, é capaz de enfrentar as fases seguintes da vida. A mãe que se adapta de forma absoluta no início proporciona a experiência de ilusão onipotente e somente com esta base de vivência o bebê poderá então enfrentar a desilusão.

Estas mudanças ocorrem gradualmente, o indivíduo parte de seu estado de ilusão onipotente, totalmente alheio à existência de um mundo externo, para, aos poucos, adentrar esta região intermediária na qual a perda da onipotência pode ser aceita. Entretanto é a terceira área que inicialmente mantém a ilusão quando a desadaptação materna ainda não pode ser totalmente enfrentada. A região intermediária, ou como Winnicott também chama “espaço potencial”, é neste momento um anteparo frente ao mundo externo que protege o bebê de um choque brusco demais entre a ilusão e a realidade. É um refúgio que possibilita ao ser humano em desenvolvimento gozar um pouco mais de seu controle mágico enquanto se prepara para as etapas seguintes. É como escreve o autor uma área neutra, que não é disputada e na qual a fantasia é permitida sem ser questionada. Na adultez ela continua existindo e pode ser frequentemente visitada, o que acontece nas expressões culturais, artísticas e religiosas.

A imersão total na subjetividade assim como a absoluta submissão à objetividade constituem formas patológicas de viver. O indivíduo que atinge a fase transicional estabelece um elo com a realidade e inicia sua saída do isolamento em seu próprio mundo de fantasia, no qual não existem limites, para uma etapa de maior maturidade na qual há interação com um mundo externo reconhecido como tal. É também a área de transição que possibilita mesmo depois de firmada a fronteira entre eu e não-eu a permanência do sentimento de criar o mundo e a eterna capacidade de se iludir e brincar sem submeter-se completamente à realidade objetiva.

Winnicott identifica como representante da fase transicional o objeto que é a primeira possessão não-eu do bebê. Os precursores deste objeto são o dedo ou o punho que são colocados na boca, outras partes do corpo que são manipuladas ou um murmúrio. Tais experiências podem ser observadas antes mesmo do nascimento em exames de ultra-sonografia, elas pertencem ao campo da onipotência. Posteriormente, o desenvolvimento leva o bebê a uma relação diferente na qual ele irá escolher um objeto não-eu localizado na fronteira entre o controle mágico e a objetividade. Este objeto não é parte do bebê como o objeto subjetivo, mas sim uma posse.

Em relação a esta primeira possessão o indivíduo pode começar a aceitar a perda da onipotência. Na fase transicional este objeto é resultado da mescla dos dois mundos, ele se encontra entre o subjetivo e o objetivo.

O objeto em si não é o importante, mas a natureza dele, muitas vezes na fase de transição pode não haver um objeto, conforme afirma Winnicott; o objeto pode ser a própria mãe ou uma canção etc. Isto não é o mais relevante, mas sim o sentido que estes elementos têm para o bebê.

Existe um momento da vida no qual pode ser observada em grande parte dos bebês a adoção de um objeto de extrema importância, o qual eles levarão consigo por diversas ocasiões. Tal objeto pode ser comumente um animal de pelúcia, um pano, um cobertor etc. Este é o objeto transicional. Nas famosas histórias em quadrinhos *Peanuts* de Charles M. Schulz o personagem Linus é conhecido por carregar sempre consigo um cobertor azul. Sua perda provoca-lhe grande angústia, como é característico de um objeto transicional. Apesar de no caso do personagem citado o objeto transicional ter sido mantido como de suma importância até uma idade mais tardia que o comum, normalmente esta primeira possessão é muito importante no início, pois mantém o contato com o mundo da ilusão. Para o bebê ela não é algo do exterior, mas sim pertencente à terceira área na qual é possível exercer ainda o controle mágico. Winnicott afirma que esse objeto pode ser “ao mesmo tempo criado por ele e percebido ou aceito no mundo” (Winnicott, 1990 [1988], p. 127); ele não é desafiado a resolver o paradoxo.

Este objeto tem muitas vezes sua importância reconhecida pelos pais que têm o cuidado de levá-lo sempre e por vezes de não lavá-lo, o que pode causar uma “ruptura de continuidade na experiência do bebê, ruptura que pode destruir o significado e o valor do objeto para ele” (Winnicott, 1975 [1953c], p.17). As qualidades do objeto transicional são listadas por Winnicott como segue:

1. O bebê assume direitos sobre o objeto e concordamos com esse assumir. Não obstante, uma certa ab-rogação da onipotência desde o início constitui uma das características.
2. O objeto é afetuosamente acariciado, bem como excitadamente amado e mutilado.
3. Ele nunca deve mudar, a menos que seja mudado pelo bebê.
4. Deve sobreviver ao amar instintual, ao odiar também e à agressividade pura, se esta for uma característica.

5. Contudo, deve parecer ao bebê que lhe dá calor, ou que se move, ou que possui textura, ou que faz algo que pareça mostrar que tem vitalidade ou realidade próprias.

6. Ele é oriundo do exterior, segundo nosso ponto de vista, mas não o é, segundo o ponto de vista do bebê. Tampouco provém de dentro; não é uma alucinação.

7. Seu destino é permitir que seja gradativamente descatequizado, de maneira que, com o curso dos anos, se torne não tanto esquecido, mas relegado ao limbo. Com isso quero dizer que, na saúde, o objeto transicional não 'vai para dentro'; tampouco o sentimento a seu respeito necessariamente sofre repressão. Não é esquecido e não é pranteado. Perde o significado, e isso se deve ao fato de que os fenômenos transicionais se tornaram difusos, se espalharam por todo o território intermediário entre a 'realidade psíquica interna' e 'o mundo externo, tal como percebido por duas pessoas em comum', isto é, por todo o campo cultural (Winnicott, 1953c, p. 18-19).

O objeto transicional auxilia o bebê nesta passagem para o gradual reconhecimento e aceitação da realidade externa, ele é tranquilizante e serve de conforto. Muitas vezes em uma situação causadora de angústia o bebê recorre a seu objeto escolhido e a dureza do mundo real pode ser esquecida por um momento enquanto é feita uma volta para o mundo mágico subjetivo.

Em alguns momentos o objeto transicional é, para o bebê, o substituto da mãe, que então já não se adapta a ele de forma absoluta. Assim, a falta causada pela desadaptação pode ser tolerada com a utilização do objeto. O bebê pode sentir seu cobertor, por exemplo, como sendo a própria mãe ou o seio, enquanto para o observador ele é uma representação materna. Apesar de o objeto transicional não ser percebido como um símbolo neste momento, ele é precursor da capacidade simbólica. Ao desenvolver-se o estágio de transicionalidade o indivíduo vai percebendo o objeto como externo e portanto como não sujeito à sua onipotência. Nisso passa também a senti-lo não mais como sendo a própria mãe e então a fantasia e a realidade podem ser diferenciadas e os símbolos podem começar a existir.

A fase de transicionalidade é um período de grande importância na busca da compreensão do ser humano. Ao observar-se uma criança que passa por ele ou ao realizar-se uma anamnese que reporte a este estágio pode-se notar diversas possibilidades de desenvolvimento e exploração dos objetos e fenômenos transicionais. A transicionalidade revela sua riqueza nas diferentes formas como sua vivência pode ser encarada pelo bebê. Em geral, o amadurecimento saudável conta

com a passagem por um momento em que há algo que o bebê elege e no que ele investe intensamente. Isto que foi escolhido representa o seio e conforta o indivíduo protegendo-o de angústias por demasiado intensas. Desta maneira o objeto transicional permite uma extensão da experiência onipotente, que aos poucos deixa de existir como um controle mágico para dar lugar ao “controle pela manipulação” (Winnicott, 1975 [1953c], p. 23).

A compreensão deste estágio pode fornecer evidências de um amadurecimento saudável ou não, sendo de grande relevância para o trabalho clínico. A maneira como a criança se relaciona com seu objeto transicional é um indicador de saúde, ela pode não possuir um objeto ou este não ser suficiente, deixando de exercer sua função. Winnicott acredita que o objeto deve atingir uma importância maior do que a da mãe, em um caso clínico que descreve no texto *Objetos transicionais e fenômenos transicionais* (1975 [1953c], p. 20-21) mostra como tal importância não foi alcançada no que ele definiu como um exemplo de “deformação no uso do objeto transicional”. Neste caso o indivíduo em questão possuía uma ligação muito forte com a mãe e sua separação, que é natural do estágio de transicionalidade, foi causadora de muita angústia. O objeto transicional não pôde ser investido adequadamente e conforme Winnicott “nunca fora, como um verdadeiro objeto transicional teria sido, mais importante do que a mãe, uma parte inseparável do bebê” (*ibidem*, p. 20).

Outra possibilidade de desenvolvimento na qual há deformação no uso do objeto transicional, que é em certo sentido oposta à apresentada, por mostrar ao invés de uma insuficiência do objeto uma demanda intensa em relação a ele, é o caso de bebês que se apegam demasiadamente a algo que escolheram neste estágio por sofrerem uma carência de cuidados maternos. Nestas situações o objeto é usado como negação da separação.

Pode ser revelador observar como uma criança lida com seu cobertor, urso etc. e o sentido de realidade que se apresenta nesta relação. A realidade do bebê é mais flexível e é natural que neste relacionamento o peso da objetividade seja esquecido, mesmo que em outros momentos haja um comportamento que mostra a capacidade de reconhecimento e aceitação do mundo objetivo. Com menor frequência algo parecido acontece também com o adulto, que se permite às vezes fantasiar e esquecer a racionalidade deixando-se entrar em contato com sua

subjetividade mais pura e o sentimento de onipotência criativa, o que ocorre, por exemplo, nas artes e na brincadeira.

O objeto transicional de Winnicott é diferente do objeto interno de Melanie Klein. “O objeto transicional não é um objeto interno (que é um conceito mental) – é uma possessão. Tampouco é (para o bebê) um objeto externo” (Winnicott, 1975 [1953c], p. 24). O objeto transicional, escreve Winnicott, representa um objeto interno e este é representante de um objeto externo (normalmente o seio ou a mãe). A presença de sentido no objeto transicional depende do mesmo no objeto interno, que depende “da existência, vitalidade e comportamento do objeto externo” (*ibidem*). Isto significa que a mãe deve ser suficientemente boa e apresentar um seio que supra as necessidades de seu filho e que não permita uma quebra na continuidade do ser. “O objeto transicional jamais está sob controle mágico, como o objeto interno, nem tampouco fora de controle, como a mãe real” (*ibidem*).

Quanto ao uso da expressão “objeto interno” por Winnicott na explicação acima citada, Dias afirma que quando o texto foi escrito ainda não havia sido elaborado o conceito de objeto subjetivo, o que foi feito somente em 1962. A autora entende que ao ter escrito “objeto interno”, Winnicott se referiu ao “objeto subjetivo”. Dias também explica que não há objeto interno antes de existir um mundo interno constituído, o que depende da integração em uma unidade diferenciada do mundo externo, e isto somente ocorre em um estágio posterior ao da transicionalidade. Ela acredita que, mesmo em revisão posterior a 1962, a expressão “objeto interno” foi mantida porque a intenção foi acentuar que o objeto transicional não é um objeto interno (Dias, 2003, p. 239-240).

É nos objetos e fenômenos transicionais que a criatividade se manifesta logo depois de perdida a onipotência absoluta. A criatividade que inicialmente se apresenta de forma mais rudimentar, acompanhada da ilusão, passa então a encontrar outras maneiras de se expressar. A partir do estágio da transicionalidade é no espaço potencial que o ser humano pode ser criativo. A ilusão de criar o mundo começa a ser abalada nesta fase, porém mantém-se para sempre como um sentimento.

O espaço intermediário inaugurado na fase da transicionalidade será mantido e desenvolvido, e devido a ele que a vida pode ser dotada de sentido. Na idade adulta e por todo o resto da vida o espaço potencial, herdeiro deste estágio

primitivo da infância, desempenha seu papel sendo o lugar em que as interações acontecem. Esta terceira área é onde se dão o brincar; a arte; as experiências culturais, religiosas etc. O ser humano, quando há saúde, passa sua vida não em um mundo totalmente subjetivo de fantasias não compartilhado e alheio à realidade, o que seria característico de uma situação de surto psicótico ou das fases da vida anteriores à transicionalidade; e também não em um mundo frio e racional no qual a objetividade se impõe a tudo. O local onde se dá a vida é o espaço potencial e é aí que o indivíduo saudável pode ter prazer e gozar sua existência. É o lugar no qual a criatividade se expressa.

2.6 Desenvolvimento da função intelectual

Ao mesmo tempo em que a mãe começa a se desadaptar em relação ao lactente e ele inicia o processo de desilusão vai se fortalecendo uma função psíquica específica; a mente. Ela é um importante recurso com o qual o bebê pode contar neste período. “O intelecto começa a explicar, admitir e antecipar a desadaptação (até certo ponto), transformando assim a desadaptação novamente em adaptação total” (Winnicott, 1990 [1988], p. 161).

Winnicott enfatiza o papel da memória no desenvolvimento da função intelectual, o intelecto utiliza as experiências vividas para organizá-las em um contexto temporal podendo assim prever eventos futuros. Desta forma o bebê pode aumentar sua capacidade de suportar a ausência da mãe e a demora na satisfação de suas necessidades, desde que não muito prolongadas.

O intelecto faz com que sejam suportáveis o que antes seriam intrusões capazes de interromper a continuidade do ser. Sua função é proteger o bebê mantendo a integridade psíquica; a função intelectual promove a adaptação do indivíduo ao mundo. Por exemplo, se o bebê é capaz de saber de uma forma rudimentar, baseado em experiências anteriores, que um sofrimento por conta de uma necessidade não satisfeita provavelmente durará um determinado tempo, será mais fácil suportar esse período. São as progressivas falhas maternas que permitem a organização adequada de um intelecto.

O estabelecimento da função intelectual é estimulado pela desadaptação materna. Tal função auxilia o bebê na tarefa de suportar a desilusão e aos poucos passar a perceber o mundo objetivo. A ilusão onipotente começa a ser abalada pelo reconhecimento de eventos externos que fogem do controle do indivíduo. A incerteza gerada por esta nova constatação é suportada graças à função intelectual. Nesta nova fase inicia-se gradualmente a mudança de concepção que resulta posteriormente na separação entre mundo interno e externo.

O intelecto tem uma função adaptativa, neste sentido é oposto à criatividade, pois se desenvolve em resposta aos estímulos externos de maneira a se conformar a eles. No curso do amadurecimento a mente ganha um espaço muito grande no si-mesmo a criatividade é suprimida. No entanto, normalmente o intelecto saudável assume o papel de protetor da porção mais pessoal do si-mesmo ao lidar com a objetividade do mundo. Isto permite a manutenção da capacidade para a espontaneidade.

Winnicott acredita que a função intelectual, pode se desenvolver de diferentes formas dependendo do ambiente. Cada uma das situações que ele descreve culmina em um dos dois extremos: deficiência e superdesenvolvimento intelectual, que já foram aqui descritas ao ser discutida a questão do ambiente intrusivo. Recapitulando, “um relacionamento caótico (se a mãe é insana) provoca um tumulto intelectual e um tipo de deficiência mental” (Winnicott, 1990 [1988], p. 161), enquanto uma desadaptação não tão grande mas maior que o normal pode resultar em um intelecto superdesenvolvido na tentativa de compensar as falhas maternas.

Esta última forma de desenvolvimento ocorre precocemente em um momento em que o bebê ainda não está pronto, o que faz com que o intelecto se desenvolva cindido e dominando o si-mesmo. O intelecto ganha vida própria e passa a cuidar do bebê ante a desadaptação materna. Ao longo da vida ele servirá de anteparo entre o mundo e o indivíduo protegendo este daquele, mas também isolando um do outro e impossibilitando relações pessoais permeadas pela espontaneidade e criatividade. Neste caso esta parte cindida constitui um falso si-mesmo que se comunica com o exterior somente motivado pela adaptação e não pela experiência pessoal.

O intelecto que surge desta forma pode ser o responsável por uma personalidade paranoica segundo Winnicott. Tal intelecto serve inicialmente de proteção e caracteriza-se pelo desenvolvimento de um foco da atenção voltado para o ambiente externo e para as intrusões que vêm dele em um momento em que o bebê deveria estar mais voltado para si. A expectativa de ameaças que surge como adaptação em uma fase precoce demais pode continuar de uma maneira exagerada levando à paranoia.

2.7 Estabelecimento do si-mesmo

Ao final do estágio da transicionalidade o indivíduo saudável começa a ser capaz de estabelecer uma distinção entre os mundos interno e externo. Até então somente existiam na vida do bebê os objetos subjetivos e depois os transicionais que estão em uma categoria intermediária entre o que havia antes e o reconhecimento dos objetos externos. Na relação com os objetos subjetivos o bebê é estes objetos, depois na transicionalidade ele passa a ser capaz de possuir objetos, e somente depois ele adquire a possibilidade de usar objetos, isso ocorre necessariamente com uma transformação na concepção de realidade e a transformação dos objetos subjetivos em externos para o bebê.

Winnicott classifica como relação de objeto aquela que ocorre entre o bebê e o objeto subjetivo e que não necessita de uma maior complexidade psíquica para existir. Em oposição o uso do objeto pressupõe a capacidade de reconhecer objetos externos para que estes possam ser usados. É no estágio do “eu sou” que se consolida a passagem da relação de objeto para o uso do objeto.

Na tarefa de tornar os objetos subjetivos em externos contribui a agressividade do bebê. Ela é expressa como destrutividade em relação aos objetos subjetivos. Nesta fase, a destrutividade é dirigida a tais objetos que são desta forma expulsos do mundo interno para o mundo externo. Eles são destruídos na realidade subjetiva para serem constituídos na realidade objetiva (Winnicott, 1994 [1969i],p. 171-177).

A destrutividade descrita se expressa no mundo contra objetos reais, que ainda não o são para o bebê. Ele pode por exemplo de fato atacar o seio. É importante neste estágio que os objetos sobrevivam aos ataques no mundo objetivo, assim o bebê pode se sentir seguro para realizar novos ataques e pode constatar a permanência do objeto a despeito de sua destruição no mundo interno, o que certifica sua existência objetiva.

Desta forma vai sendo consolidada a realidade objetiva com seus objetos que são agora reconhecidos como externos ao eu e podem, portanto, ser usados pelo indivíduo. Outra forma de relação com o mundo se estabelece em uma nova concepção de realidade. Nesse processo o bebê está destruindo o mundo subjetivo e, desta forma, criando a realidade externa. Em resumo:

(1) sujeito *relaciona-se* com objeto. (2) Objeto acha-se em processo de ser encontrado, ao invés de colocado pelo sujeito no mundo. (3) Sujeito *destrói* objeto. (4) Objeto sobrevive à destruição. (5) Sujeito pode *usar* objeto (Winnicott, 1994 [1969i], p. 177).

Neste processo estabelece-se a distinção entre eu e não-eu e é alcançado o estágio no qual se consolida o sentimento de ser um eu.

Assim, a integração em um si-mesmo é concretizada. A tendência inata à integração, que Winnicott acredita existir no ser humano, leva-o a esta conquista quando tudo ocorre normalmente e o ambiente é favorável. “O processo de amadurecimento pessoal depende fundamentalmente de dois fatores: a tendência inata ao amadurecimento e a existência contínua de um ambiente facilitador” (Dias, 2003, p. 93).

Logo, para que a integração em um si-mesmo se torne uma realidade são necessários cuidados especiais, já que nos primeiros meses o ambiente é mais importante do que nunca para o bom desenvolvimento do ser humano. As falhas ambientais que ocorram no início da vida podem gerar consequências significativas que, no extremo, impedem a constituição do si-mesmo, “é nesse período que estão sendo constituídas as bases fundamentais da existência, ou seja, os alicerces da personalidade e da saúde psíquica” (Dias, 2003, p. 98-99).

Aquele que chega ao estágio do “eu sou” conseguiu superar as já citadas tarefas fundamentais de algum modo. Alguns podem as ter superado de maneira mais satisfatória e outros menos, mas por terem alcançado esta fase algo foi conquistado neste sentido, caso contrário a integração em um si-mesmo não poderia

ter se realizado, o que constituiria os casos de psicose para Winnicott. Portanto, ao atingir o “eu sou” o indivíduo já conseguiu apropriar-se de seu corpo sentindo-o como uma unidade que estabelece um limite entre o meio interno e externo (personalização); situar-se no espaço e no tempo auxiliado pela memória, o que possibilita a antecipação de eventos e uma maior capacidade para suportar frustrações que durem um determinado período (realização); integrar as experiências vividas e os impulsos de maneira organizada (integração).

Ao constituir o si-mesmo o indivíduo supera a não-integração, estado no qual não há consciência da própria vida. A partir de então é sentido que se é alguém que tem uma vida e que, portanto, pode perdê-la. A integração acompanha a angústia da desintegração, que é a quebra da ordem e regressão ao caos. Como já apontado neste trabalho, ao ser superada a não-integração ela não pode mais ser experimentada como antes, passando a significar angustiante desintegração.

A integração em um si-mesmo implica, segundo Winnicott, no aparecimento de sentimentos paranoides, que podem variar em sua intensidade de acordo com o caso. Existem alguns fatores ambientais apontados como responsáveis por estas variações, mas de modo geral todos indivíduos enfrentariam tais sentimentos devido à própria natureza da integração. Ao integrar-se o ser humano tem uma atitude de agressividade em relação ao mundo externo para diferenciar-se como uma unidade, tudo o que é não-eu é repudiado. Em seu frágil estado de recém adquirida integração o bebê fica na expectativa de um ataque. Nesta fase é importante a mãe como aquela que pode proporcionar confiança a seu filho (Winnicott, 1990 [1988], p. 141-142, 145-146).

Winnicott afirma que aqueles que tem uma integração no tempo normal e devidamente facilitada pelo ambiente estão menos sujeitos ao estado paranoide, mas quando a integração é tardia e o indivíduo a fez mais por reações à intrusão do que por um ambiente bom aglutinador do si-mesmo as expectativas de ataque serão maiores (Winnicott, 1990 [1988], p.141).

Ao chegar na fase do “eu sou” é alcançado o estágio que Winnicott denominou de independência relativa, o que ocorre próximo do intervalo de um ano a um ano e meio. Agora a criatividade primária já não pode mais se expressar na ilusão onipotente de criar o mundo. Este mundo já não é mais percebido como parte

do eu, mas como uma realidade objetiva compartilhada. A partir daqui a criatividade manifesta-se na terceira área, o espaço potencial.

Pela criatividade, o sujeito que pôde criar a si-mesmo pode agora reinventá-lo em uma tarefa incessante de criação deste si-mesmo ao longo de toda a vida.

Insisto em que certas condições se fazem necessárias, se é que se quer alcançar sucesso nessa busca (busca do si-mesmo). Essas condições estão associadas àquilo que é geralmente chamado de criatividade. É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*) (Winnicott, 1975 [1971a], p. 80).

O “eu sou” implica na integração também do falso si-mesmo com sua função específica. Na saúde ele não é uma parte dissociada e dominante como na patologia, mas algo que protege o si-mesmo tomando a tarefa de lidar com a realidade de forma adaptativa. O falso si-mesmo é para Winnicott parte integrante do si-mesmo do indivíduo saudável.

Uma importante questão neste início de integração apontada por Winnicott é a tarefa materna de refletir o bebê para possibilitar que ele se reconheça como si-mesmo. Nesse assunto o próprio autor escreve ter sido influenciado pelo texto *O estágio do espelho como formador da função do eu de Lacan* (1949). No entanto, Winnicott vai além dele ao pensar no rosto da mãe como um espelho.

A tese winnicottiana é de que ao olhar para o rosto da mãe o bebê que está em processo de integração do si-mesmo pode se ver refletido e assim consegue se reconhecer e se desenvolver. “Em outros termos, a mãe está olhando para o bebê e aquilo com o que ela se parece se acha relacionado com o que ela vê ali” (Winnicott, 1975 [1967c], p.154).

A situação ideal acima descrita pode apresentar desvios prejudiciais ao amadurecimento, o que ocorre quando a mãe não é capaz de refletir o bebê nos casos em que, por exemplo, ela reflete seu próprio humor ou suas próprias defesas. Quando o bebê olha para a mãe ele está lhe dando algo e é esperado que ela lhe dê algo em troca, uma reação. Se tal relação não se estabelece por repetidas vezes o bebê passa a conviver com a experiência de olhar e não se ver, o que possivelmente resulta na atrofia da capacidade criativa e na busca por receber algo

de si mesmo de outras formas através do ambiente (Winnicott, [1967c], p. 154-155). Quando as falhas em refletir ao bebê são frequentemente repetidas pela mãe:

o bebê se acostuma à ideia de que, quando olha, o que é visto é o rosto da mãe. O rosto da mãe, portanto, não é um espelho. Assim, a percepção toma o lugar da apercepção, toma o lugar do que poderia ter sido o começo de uma troca significativa com o mundo, um processo de duas direções no qual o auto-enriquecimento se alterna com a descoberta do significado do mundo das coisas vistas (Winnicott, 1975 [1967c], p. 155).

O indivíduo que se desenvolve desta forma passa a se adaptar ao que encontra no rosto da mãe, de maneira a se tornar capaz de reconhecer seu humor e saber assim se há algum espaço para relaxar e ser espontâneo e criativo ou não. No extremo, o bebê perde sua espontaneidade e se submete ao humor materno desenvolvendo a capacidade de prever possíveis intrusões. Submete-se à personalidade da mãe sem que haja espaço para sua própria criatividade.

Aquele que, de outra forma, vivenciou experiências satisfatórias de se ser refletido pela mãe pode depois se olhar no espelho e sentir a confiança de lá ver algo dela.

Mesmo após a conquista do si-mesmo o processo de integração não termina, ela sempre existirá durante a vida do ser humano.

3 CRIATIVIDADE E OS ESTÁGIOS DE DEPENDÊNCIA RELATIVA E INDEPENDÊNCIA RELATIVA

3.1 O estágio do concernimento

A teoria do estágio do concernimento elaborada por Winnicott está bastante relacionada com a teoria da posição depressiva de Klein (1932). Há, no entanto, algumas diferenças. Para Winnicott a ênfase não recai sobre o estado depressivo, mas sobre a aquisição da capacidade de se preocupar e a partir disto poder construir. Além de uma necessidade de reparar motivada pela culpa, característica do pensamento kleiniano, há também um impulso criativo guiado pela recém experimentada empatia.

A palavra 'preocupação' é empregada para expressar de modo positivo um fenômeno que em seu aspecto negativo é expresso pela palavra 'culpa'. O sentimento de culpa é a ansiedade ligada ao conceito de ambivalência e implica certo grau de integração do ego do indivíduo que possibilita a retenção das imagens de bons objetos concomitante com a ideia de destruição dos mesmos. Preocupação implica maior integração e crescimento e se relaciona de modo positivo com o senso de responsabilidade do indivíduo, especialmente no que concerne aos relacionamentos em que entram os impulsos instintivos (Winnicott, 1983 [1963b], p. 70).

Ao ser elaborada a teoria da posição depressiva por Klein a origem da moralidade foi revista e posicionada anteriormente ao complexo de Édipo freudiano e à relação triangular. Freud havia antes teorizado a respeito da moralidade que para ele teria seu fundamento no superego, instância psíquica desenvolvida a partir da resolução do complexo edípico com a interiorização da proibição paterna e início do complexo de castração. Ao apresentar a teoria da posição depressiva, Klein antecipou o surgimento da moralidade para uma fase na qual há ainda somente a relação dual entre bebê e mãe (ou substituto).

Winnicott também identifica o surgimento da moralidade nesta fase primitiva do amadurecimento na qual ainda não é possível existir uma relação triangular; o estágio do concernimento é um momento imediatamente posterior à

própria aquisição da possibilidade de relação dual. Antes o bebê não podia sequer reconhecer a mãe como um outro, somente como parte de si.

Segundo Winnicott, a capacidade para a preocupação começa a se desenvolver quando, depois de ter podido se compreender como uma unidade, o bebê começa a poder compreender a mãe também como uma pessoa total. Antes, a mãe que existia nos estados excitados e recebia os impulsos do lactente não era a mesma dos estados tranquilos que provinha cuidados e proteção. Winnicott classifica a primeira como a mãe-objeto e a segunda como a mãe-ambiente.

Ao se constituir um si-mesmo são também integrados os estados tranquilos e excitados em uma unidade, e também aos poucos a mãe-ambiente pode ser percebida como a mesma que a mãe-objeto. É esta junção que resulta na percepção da mãe como uma pessoa total, o que permite que se desenvolva a capacidade para a preocupação (Winnicott, 1983 [1963b], p. 72).

Antes a mãe-objeto era alvo de ataques por parte do bebê e a mãe-ambiente era amada por ele. O que é expresso em relação à primeira é o que Winnicott chamou de amor primitivo, que tem em si um componente agressivo. Quando a mãe que recebe a agressão pode ser compreendida como a mesma que é amada surge o sentimento de culpa e a necessidade de fazer uma reparação. Mas além da culpa Winnicott vê nesta fase também o início da capacidade de se importar com o outro e assumir responsabilidade.

O indivíduo que antes era cruel e indiferente aos sentimentos da mãe, começa desta forma a se preocupar. Há assim a passagem do (usando os termos originais) *ruthless* para o *concern*.

Para que haja esta passagem para a preocupação com o bom desenvolvimento da moralidade, na fase do concernimento o bebê deve experimentar por diversas vezes o ciclo benigno. Winnicott nomeou ciclo benigno o processo que se inicia com a expressão do impulso destrutivo, passa pela aceitação da responsabilidade e a culpa pela agressão realizada e termina na reparação do mal causado à mãe. Este ciclo deve ser repetido muitas vezes durante este estágio do amadurecimento e para isto a mãe deve contribuir sobrevivendo aos ataques e estando disponível para receber a reparação no momento em que lhe for ofertada. Sem o ambiente propício a capacidade para se preocupar e a moralidade podem sofrer deturpações em seu desenvolvimento, o indivíduo que não tem a

oportunidade para a reparação pode passar a inibir seus impulsos (Winnicott, 1990 [1988] p. 93-94).

O sujeito que passou pelo estágio do concernimento satisfatoriamente atinge uma nova conquista do amadurecimento, a integração de sua agressividade em seu si-mesmo.

Para Winnicott todas as atividades construtivas estão ligadas ao que foi desenvolvido nesta fase. Para um indivíduo saudável tais atividades são sentidas como um impulso próprio e não como algo motivado somente ou principalmente pela culpa. Na teoria kleiniana a construção tem sua base na posição depressiva, mas para Winnicott existe algo mais fundamental que é a criatividade primária. Apesar de ser o estágio do concernimento aquele que inaugura a moralidade, esta não pode ser bem elaborada sem que isto seja feito de forma pessoal e criativa. É o sujeito que cria sua moral e aquilo que ele constrói em virtude de importar-se com o outro é, na saúde, uma criação sua resultado de um impulso próprio.

Winnicott crê haver no ser humano uma predisposição para o desenvolvimento da moralidade (Winnicott, 1983 [1958o], p. 19-30), potencial que pode se realizar pela vivência do ciclo benigno. A moral não deve ser inculcada, pois isto resultaria em uma falsa moral fruto de uma adaptação do indivíduo àquilo que lhe foi forçado, o que é diferente de uma moral que a própria criança desenvolve em suas experiências, criando-a e apropriando-se dela.

Winnicott acrescenta à teoria da moralidade uma observação a respeito do artista criativo:

É interessante reparar que o artista criativo é capaz de chegar a um tipo de socialização que obvia a necessidade do sentimento de culpa e a atividade reparativa e restitutiva associada que forma a base do trabalho construtivo habitual. O artista ou pensador criativo pode, na verdade, falhar em compreender, ou pode mesmo desprezar, o sentimento de preocupação que motiva uma pessoa menos criativa; e dos artistas se pode dizer que alguns não tem capacidade de sentir culpa e ainda assim atingiram uma socialização através de seu talento excepcional (Winnicott, 1983 [1958o], p. 28).

Tais considerações não esclarecem como se dá esta socialização sem a necessidade dos sentimentos de culpa ou preocupação, mas parece que Winnicott crê haver um desenvolvimento criativo excepcional nestas pessoas, o que mostra como a criatividade primária é de extrema importância para o autor e como ela é capaz de guiar em alguns casos toda a atividade construtiva.

3.2 O brincar

O brincar para Winnicott é um desenvolvimento direto dos fenômenos transicionais. Há uma linha de evolução destes fenômenos que passa pelo brincar e culmina, na idade adulta, nas atividades culturais. O espaço potencial, área inaugurada pelos objetos e fenômenos transicionais, é o lugar onde se dá o brincar.

O brincar não pressupõe uma ilusão onipotente nem a objetividade destituída de fantasia pessoal. Ele acontece na terceira área, é uma atividade que está no meio do caminho entre o dentro e o fora, uma junção de duas realidades. O brincar normalmente conta com a manipulação de objetos do mundo real que são investidos de fantasias internas. Aquele que brinca reconhece a materialidade do mundo sem que, no entanto, ela se imponha à brincadeira.

O espaço potencial, que se estabelece entre a mãe e o bebê quando ele começa o processo de separar-se dela, se estende posteriormente para outros âmbitos da vida, passando a constituir o espaço de separação entre o indivíduo e a realidade. No brincar este espaço pode se mostrar como lugar de relação com diversos aspectos da realidade, não mais somente com a mãe.

No brincar, Winnicott reconhece um estado em que a criança se encontra alheia a todo o resto, um estado de concentração que se parece com a concentração de crianças mais velhas ou adultos. Winnicott pensa que a capacidade em se concentrar depende do bom desenvolvimento da capacidade de brincar, o que não ocorrendo poderia explicar a dificuldade de concentração (Winnicott, 1975 [1968i], p. 59, 76).

Parece que a relação entre o brincar e a concentração sobre a qual escreve Winnicott está no pensamento de que a última é possível somente quando o sujeito se relaciona com seu objeto de foco de forma criativa por meio do espaço potencial, sendo este objeto atribuído de um significado pessoal pelo indivíduo, o que significa ver nele algo de si, capacidade adquirida na experiência onipotente do bebê de criar os objetos.

Winnicott acredita que a importância do brincar está na atividade em si. A ênfase recai sobre o processo criativo que se dá em tal atividade. Seu foco não é o mesmo de Klein (1932) que busca na brincadeira seus significados subjacentes que de alguma forma se expressariam para poderem então ser interpretados. Winnicott pensa principalmente na brincadeira como um fim, não um meio, como um gesto pessoal e espontâneo.

Assim como a outros fenômenos relacionados à criatividade primária, como as expressões culturais, Winnicott procura afastar o brincar do conceito de sublimação. Da mesma forma não pensa ele haver ligação entre o brincar e a masturbação, tese muito desenvolvida por Klein. Para Winnicott a atividade lúdica não é masturbatória e inclusive seria estragada caso houvesse um aumento da tensão sexual e passasse a servir como descarga para tal (Winnicott, 1975 [1968i], p. 60-61).

Winnicott postula a possibilidade de um êxtase no brincar e em outras experiências vividas no espaço potencial, que não se relaciona com a descarga da libido. Tal êxtase ele chama de “orgasmo do ego”.¹³ Este conceito se contrapõe à ideia de clímax ligado aos instintos do id. O orgasmo do ego se refere a experiências prazerosas da vida criativa. O prazer envolvido é o da manifestação daquilo que é verdadeiro e pessoal do si-mesmo.

Na pessoa normal uma experiência altamente satisfatória como essa pode ser conseguida em um concerto ou no teatro ou em uma amizade que pode merecer um termo tal como o orgasmo do ego, que dirige a atenção ao clímax e à importância do clímax (Winnicott, 1983 [1958g], p. 36).

O brincar da teoria winnicottiana é sempre prazeroso e também precário. A precariedade é devida à tarefa de administrar a delicada interação entre o mundo mágico e a realidade objetiva em uma terceira área, e o prazer é o resultado inerente ao exercício criativo. Mesmo que a angústia esteja presente, ainda assim a brincadeira é prazerosa, mas um excesso de angústia pode levar a uma atividade compulsiva, que já não é mais o verdadeiro brincar (Winnicott, 1975 [1968i], p. 71,77).

¹³ Winnicott menciona um desvio patológico daquele que está inibido na experiência instintiva que é a especialização nos orgasmos do ego [Winnicott 1983 (1958g), p. 36].

A capacidade de brincar depende de experiências satisfatórias nas fases anteriores e para isto deve ter sido proporcionada ao bebê pela mãe confiança. Somente podendo confiar é possível à criança voltar-se de forma despreocupada para o brinquedo, pois se sente segura.

O papel da brincadeira na vida da criança é amplo e imprescindível. Ela participa do constante processo de integração do si-mesmo. “O brinquedo é uma *elaboração imaginativa* em torno de funções corporais, relacionamento com objetos e ansiedade” (Winnicott, 1994 [1989u], p. 50). Também assume sua importância frente à tarefa de integração da agressividade podendo a criança manipular o brinquedo destruindo-o e reparando-o.

Também é consequência do brincar, conforme aponta Winnicott, o desenvolvimento da criatividade e a socialização. É na brincadeira que a criança conhece outras crianças e pode estabelecer relações de amizade ou inimizade. Pela brincadeira a criança acumula experiências e assim pode ir conhecendo o mundo. Brincando se aprende a manipular objetos, seguir regras, interagir etc.; em resumo, a lidar com o mundo e consigo mesmo.

Nas fases posteriores do amadurecimento o brincar passa a assumir outras formas, estando sempre presente na vida do indivíduo saudável, pois sem isto a vida seria destituída de prazer e se tornaria somente submissão à realidade objetiva, gerando o sentimento de que ela não vale a pena. Winnicott cita algumas formas de brincar típicas da adolescência: o brincar com a política, envolvendo-se com ela; brincar de pais, namorando ou tendo filhos; brincar com a imaginação, tornando-se artistas etc.; brincar com jogos, em sua profissão ou competindo em campeonatos; brincar de guerra, se envolvendo em uma ou tornando-se criminoso (Winnicott, 1994 [1989u], p. 52). Ao escrever sobre o pensamento winnicottiano, Grolnik (1993 [1990]) aponta que

Brincar durante a infância e através do ciclo da vida, ajuda a liberar as tensões da vida, prepara-nos para o que é sério e, às vezes, fatal (e. g., jogos de guerra), ajuda-nos a definir e a redefinir os limites entre nós e os outros, auxilia-nos na obtenção de um senso de nossa própria identidade corporal. O brincar oferece uma base de tentativas para seguirmos avante, e estimula a satisfação dos impulsos (p. 44).

Quando o brincar é patológico ele pode se apresentar de diversas formas: estereotipia do brincar, com ansiedade em relação à fantasia livre; devaneio, estado manipulado que se situa entre o sonho e o brinquedo; sensualização do brincar, com

a participação de instintos sexuais e fracasso da simbolização; dominação da brincadeira, podendo a criança brincar somente seu próprio jogo submetendo as outras crianças a ele; fracasso em jogar, a menos que o jogo tenha regras rígidas a alguém que o controle; fuga ao exercício físico, evitando a inércia por meio de exercícios estereotipados (Winnicott, 1994 [1989u], p. 51).

Winnicott também se refere ao brincar como a forma pela qual se dá a o trabalho na clínica psicoterápica. Para ele:

A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas. Em conseqüência, onde o brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é dirigido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que o é (Winnicott, 1975 [1968i], p. 59).

3.3 Criatividade e a fase do complexo de Édipo

Os textos de Winnicott que tratam da fase edípica reproduzem em grande parte as descrições de Freud. A principal diferença entre o pensamento de ambos não está no estágio em si, mas na relevância que o primeiro deu para os períodos anteriores e que foi ignorada pelo segundo, tendo assim toda a etiologia dos transtornos psíquicos recaído sobre o complexo de Édipo para Freud.

Para Winnicott o indivíduo capaz de adentrar a fase edípica pôde antes, com o apoio de provisões ambientais satisfatórias, estabelecer um si-mesmo estável e integrar também seus impulsos e sua agressividade. Neste momento, que se localiza entre os 2 e 5 anos, ele está pronto para vivenciar relações triangulares e lidar com um complexo mundo interno. Winnicott rejeita a ideia de um complexo de Édipo anterior a esta idade que é colocada por Klein, para ele isto não faz sentido já que a criança ainda não é capaz de se relacionar com pessoas totais, mas somente com objetos subjetivos.

No estágio do complexo de Édipo o indivíduo se depara com sentimentos ambivalentes em relação aos pais e tem que lidar com isto. Surge o desejo pelo progenitor do mesmo sexo e a rivalidade em relação ao do sexo oposto com a

concomitante identificação com este. Posteriormente o desejo é reprimido e sua satisfação postergada, o que inicia a fase de latência.

Para Winnicott é a vida criativa que torna possível para a criança a difícil tarefa de suportar as angústias da fase edípica.

A criança saudável não consegue tolerar inteiramente os conflitos e ansiedades que atingem seu ponto máximo no auge da experiência instintiva. A solução para os problemas da ambivalência inerente surge através da elaboração imaginativa de todas as funções; sem a fantasia, as expressões de apetite, sexualidade e ódio em sua forma bruta seriam a regra. A fantasia prova, deste modo, ser a característica do humano, a matéria-prima da socialização, e da própria civilização (Winnicott, 1990 [1988], p. 78).

Winnicott também aponta para a necessidade de um lar que proporcione confiabilidade, onde a criança possa se sentir segura para brincar e sonhar e onde “o impulso a ser amoroso possa ser transformado em um gesto efetivo, no momento apropriado” (Winnicott, 1994 [1989vl], p. 57).

O sentimento de ilusão onipotente, que permanece apesar de já haver na criança a consciência racional de não ser responsável pela criação do mundo, pode nesta fase levar a angústias severas e acabar por demandar certa repressão da criatividade. Um exemplo disto é a criança que se sente segura em sonhar com a morte do pai quando ele está presente, mas não quando ele não está (Winnicott, 1994 [1989vl], p. 56). Desta forma a criança vai aprendendo a “elaborar um relacionamento entre o potencial onírico ou a vida imaginativa total com a confiabilidade ambiental acessível” (*ibidem*).

Aquele que desenvolve a partir do complexo de Édipo uma repressão dos impulsos muito severa e limitadora organiza uma personalidade psiconeurótica. Nisto mais uma vez Winnicott percebe a grande responsabilidade do ambiente, o que significa, dos pais (ou substitutos). Diferente de Freud, Winnicott não credita a esta fase a origem também da psicose, que para ele é anterior. Um indivíduo que chega à etapa edípica com a estrutura necessária para experimentá-la saudavelmente já firmou seu si-mesmo.

A repressão da psicose limita a criatividade que assim não pode ser satisfatoriamente expressa e desenvolvida. Desta forma a vida criativa e espontânea é comprometida e com ela a autenticidade e a experiência de sentido.

3.4 Adolescência

Ao fim do período de latência o indivíduo se encontra no início da adolescência e das diversas mudanças nas quais isto acarreta. Então começam a aflorar novos sentimentos junto com a intensificação dos, agora socialmente aceitos e esperados, impulsos sexuais. Grande parte do que foi vivido na infância é reeditado nesta etapa. A busca por uma identidade é um tema central da adolescência.

Winnicott afirma por diversas vezes ser a adolescência um período confuso e difícil, mas lembra que saúde não é sinônimo de facilidade e que aquilo que mais contribui na superação das dificuldades do adolescente é a passagem do tempo, uma alternativa melhor do que tentativas de oferecer soluções falsas. Dá-se a característica de ser esta uma fase conturbada a dificuldade mesmo em se determinar o que é patológico e o que é normal (Winnicott, 1983 [1965u], p. 220).

Na adolescência aquilo que antes podia somente ser fantasiado passa a ser uma possibilidade real, como a gravidez, o homicídio, o suicídio etc. [Winnicott, 1983 (1965u), p. 219], com isto surgem novas angústias e responsabilidades. Na área da sexualidade este é o momento em que o indivíduo, na maior parte dos casos, começa a praticar o sexo, havendo-se agora com a questão da identidade sexual. Tudo aquilo referente aos relacionamentos amorosos também começa a ser elaborado agora. Winnicott aponta uma questão a ser colocada: “será que a experiência sexual pode ser acompanhada de um vínculo e dos significados mais amplos da palavra ‘amor’?” (Winnicott, 2005 [1971f], p. 8). Não havendo esta possibilidade o resultado pode ser a impotência (*ibidem*). A origem desta capacidade está nos cuidados recebidos na infância e na capacidade que a mãe ou cuidadora teve de expressar seu amor na relação com o bebê identificando-se com ele. Ao iniciar uma vida sexual saudável o indivíduo pode atribuir a esta um sentido próprio, algo além do ato em si e que o torna pessoal e verdadeiro. Aqui se percebe a participação do brincar e da criatividade no sexo.

Para Winnicott o adolescente está empenhado na tarefa da socialização, e para isto deve ser “capaz de se identificar com figuras paternas e com alguns aspectos da sociedade sem demasiado sacrifício do impulso pessoal, ou, dito de outro modo, de se tornar essencialmente ele ou ela sem a necessidade de se tornar anti-social” (Winnicott, 1983 [1965u], p. 218). Não sacrificar o impulso pessoal é o mesmo que manter uma vida criativa e espontânea, que de outra forma seria desprovida de sentido.

Winnicott acredita que o indivíduo na adolescência repudia com veemência soluções falsas, o que muitas vezes se mostra como arrogância e pode parecer estranho vindo de alguém que apresenta em certos casos extrema dependência. No entanto aquilo que o adolescente procura é sentir-se real e o mundo dos adultos lhe “parece essencialmente um mundo de compromissos, de falsos valores e de infinitas digressões em relação ao tema central” (Winnicott, 2005 [1971f], p. 7).

No fim da adolescência o indivíduo passa a se identificar com o mundo adulto e “se torna capaz de assumir responsabilidades e ajudar a manter ou modificar ou mesmo alterar completamente o legado da geração anterior” (Winnicott, 1983 [1965u], p. 218). Segundo Winnicott, para chegar a esta etapa deve ocorrer um assassinato. “Crescer significa ocupar o lugar do genitor” (*idem*, 1975 [1969c], p. 195) e na fantasia inconsciente isto implica na morte do rival, pai ou mãe. Isto se expressa na realidade em agressividade e rebelião típicas desta fase. Winnicott aponta o fato de que nossa sociedade em relação a tempos mais antigos tende a dar mais liberdade na criação dos filhos, o que pode resultar em maiores dificuldades em lidar com os adolescentes, isto porém não deve ser percebido de forma negativa, já que é o resultado de uma personalidade que pôde se desenvolver livre, espontaneamente e criativamente.

Winnicott crê que esta fantasia inconsciente de assassinato é geradora de intenso sentimento de culpa e pode resultar em impulso suicida ou tendência a acidentes (Winnicott, 1975 [1969c], p. 200-201). A adequação da culpa e “o equilíbrio do bom e do mau, o ódio e a destruição que acompanham o amor, dentro do eu (*self*)” (*ibidem*, p. 200) somente são atingidos após alguns anos.

O adolescente ainda não é capaz de conhecer a satisfação que pode ser atingida pela participação num projeto que necessite incluir dentro de si a qualidade de fidedignidade. Não lhe é possível saber o

quanto o trabalho, devido à sua contribuição social, diminui o sentimento de culpa pessoal (*ibidem*, p. 201).

Winnicott afirma que ao adolescente deve ser permitido ser imaturo e que ele deve realizar o assassinato quando, em comparação com o bebê ao mamar, ele realiza um gesto espontâneo neste sentido e não antes. Assim como a criança não deve ser muito cedo solicitada por intrusões que lhe tolherão o impulso criativo, ao adolescente também não deve ser imposta demasiada responsabilidade antes do tempo, o que o obrigaria a crescer à custa de sua espontaneidade e por meio de um falso si-mesmo (Winnicott, 1975 [1969c]).

A imaturidade é uma parte preciosa da adolescência. Nela estão contidos os aspectos mais excitantes do pensamento criador, sentimentos novos e diferentes, idéias de um novo viver. A sociedade precisa ser abalada pelas aspirações daqueles que não são responsáveis. (...) Com a cláusula de que o adulto não abdique, podemos certamente pensar nos esforços dos adolescentes para descobrir e determinar seu próprio destino, como a coisa mais emocionante que podemos perceber na vida que nos rodeia. A idéia que o adolescente tem de uma sociedade ideal é excitante e estimulante, mas o importante a respeito da adolescência é sua imaturidade e o fato de ela não ser responsável. Isso, o seu elemento mais sagrado, dura apenas alguns anos e constitui uma propriedade que tem de ser perdida por cada indivíduo, quando a maturidade é alcançada (*ibidem*, p. 198).

Roberto Barberena Graña, baseando-se na teoria winnicottiana, faz uma comparação entre o desenvolvimento adolescente e o infantil (Graña, 1991). Para ele o início da adolescência é semelhante à fase em que o bebê somente concebe objetos subjetivos em sua ilusão onipotente. Neste período, o púbere está no que o autor chama de “órbita de onipotência adolescente, no qual persiste ainda uma estreita vinculação do púbere ao grupo familiar que suporta e favorece a quase totalidade das experiências vitais” (Graña, 1991, p. 170). Posteriormente, assim como o bebê inicia a fase da transicionalidade algo parecido ocorre ao adolescente, que adota uma atitude de oposição em relação ao grupo familiar e se volta “para pessoas e padrões estranhos e externos a este círculo” (*ibidem*). Os objetos transicionais adotados são os grupos de iguais e os ídolos, que “condensam aspectos da personalidade do próprio adolescente e de suas relações com os pais e irmãos transportadas a um contexto exogâmico” (*ibidem*). Em um estágio subsequente o mundo do púbere se amplia e seu espaço transicional se estende para toda a gama de atividades culturais, tal qual a criança que descobre o brincar

com o uso do objeto. Como atividade lúdica o jovem conta com, por exemplo, “brincadeiras e conversações em grupo, atividade esportiva, experimentação sexual, interesse artístico, curiosidade científica e filosófica” (*ibidem*). Conforme aponta Graña (*ibidem*, p. 171), no fim desta fase o indivíduo tende a se tornar menos gregário e a voltar-se pra relações amorosas mais estáveis. Há também a escolha profissional e um reencontro com a família.

4 CRIATIVIDADE E IDADE ADULTA

O adulto saudável possui um alto grau de autonomia em comparação ao púbere apesar de, como afirma Winnicott, ser sempre um tanto dependente do ambiente. Os conflitos adolescentes já foram superados e, apesar de que todas as tarefas do desenvolvimento podem ser retomadas a qualquer momento de diferentes formas nas diferentes fases da vida, agora o indivíduo já lida melhor com seus impulsos e com sua culpa. Para isto houve muito trabalho de elaboração das fantasias inconscientes e provavelmente a partir de algum momento o conforto de ter uma atividade profissional construtiva.

Para o adulto a manutenção da criatividade é essencial afim de que seja encontrado algum prazer na vida. Nesta fase o alcance da expressão criativa é maior do que nunca antes e ela se expressa em todo o universo cultural. A terceira área, onde se dá o viver criativo, é o lugar no qual o ser humano pode brincar e ser seu verdadeiro si-mesmo.

Winnicott escreve que passamos a maior parte do tempo na zona intermediária. Tal área, desenvolvida na infância, “através da vida, é conservada na experimentação intensa que diz respeito às artes, à religião, ao viver imaginativo e ao trabalho científico criador” (Winnicott, 1975 [1953c] p. 30). O autor acredita que “tudo o que fazemos pode, ou não, ser feito criativamente” (*idem*, 2005 [1986h], p. 33).

Àquele capaz de ser criativo é possível ter o sentimento de existir. No indivíduo que não desenvolveu criatividade não há tal sentimento. O adulto saudável, aponta Winnicott, experimenta grande parte de sua vida na zona intermediária entre a apercepção e a percepção. Aqueles que vivem somente a primeira estão isolados do mundo, são os psicóticos, e os que vivem somente a segunda estão submetidos à objetividade e não se sentem vivos.

Para chegar a ser um adulto saudável o indivíduo teve que passar por um longo processo de amadurecimento e nele precisou em parte se adaptar ao “princípio da realidade”. A onipotência infantil e posteriormente o idealismo

adolescente são transformados com o tempo de maneira a possibilitar o ingresso na vida adulta. Um tanto da criatividade é suprimida, assim como começou a ser desde as primeiras relações com um mundo que passava a ser percebido como não-eu. Segundo Winnicott, “o princípio da realidade é uma afronta” (2005 [1986h], p. 24), viola a pessoalidade do ser humano submetendo-o à objetividade. O adulto normal é capaz de lidar com tal afronta sacrificando parte de sua espontaneidade em troca da socialização e da praticidade, porém conservando sua criatividade que é vivida nos momentos propícios.

Apesar dos sacrifícios inerentes à socialização do adulto saudável é sempre mantido o já mencionado núcleo pessoal do si-mesmo, fonte de todo viver próprio. “Em termos de aceitação emocional o *self*, em seu núcleo, é sempre pessoal, isolado e não afetado pela experiência” (Winnicott, 1983 [1963d], p. 93). A criatividade tem, para Winnicott, origem anterior à experiência e se seu cerne estabelecesse algum contato com o mundo a pessoalidade seria arruinada. Há algo em todo indivíduo que permaneça puro, indiferente ao tempo e ao espaço, algo que é universal e único de cada um.

O núcleo do si-mesmo, “o eu central que não se comunica, (permanece) para sempre imune ao princípio da realidade e para sempre silencioso” (Winnicott, 1983 [1965j], p. 174). É dele que normalmente se origina a comunicação (*ibidem*), ele é fonte das experiências criativas. Este si-mesmo isolado pode ser compreendido como uma via de sentido único, que origina a ação do indivíduo no mundo, mas nunca é afetado pelo mundo.

A saúde é mais do que ausência de doença para Winnicott, é a possibilidade de atuar no mundo a partir do núcleo pessoal do si-mesmo. O adulto saudável é capaz de brincar. Algumas vezes Winnicott parece usar a palavra brincar como sinônimo de ter experiências na terceira área, não restringindo o conceito à brincadeira infantil, mas ressaltando a semelhança desta com o verdadeiro viver criativo. O autor, como já foi citado, acredita que a terapia é uma forma de brincar e que quando o paciente não consegue fazê-lo, por ter tido problemas no desenvolvimento da capacidade criativa, o analista deve ajudá-lo a estabelecer a possibilidade de brincar (Winnicott, 1975 [1968i], p. 59).

Winnicott percebe que entre os indivíduos adultos é possível encontrar diversos graus de variação do viver criativo. Em um extremo estão os

esquizofrênicos, que deliram, alucinam e não conseguem estabelecer contato com o mundo objetivo, vivem principalmente em suas fantasias. No outro se encontram aqueles fortemente ligados à realidade, que perdem o contato com o seu mundo subjetivo, ficando alheios às suas fantasias e a seu si-mesmo (Winnicott, 1975 [1971g], p. 96-98). Entre estes dois extremos está toda a gama de variações que podem ser encontradas no ser humano.

Winnicott admite a possibilidade de uma perda significativa da capacidade criativa mesmo na vida adulta. A teoria winnicottiana pouco volta sua atenção para as fases de maior maturidade, mas mais para aquelas nas quais somos crianças ou bebês. É de grande importância tal foco, pois é nas últimas que se formam as bases da personalidade. Ao estudar o desenvolvimento da criatividade e suas possíveis deturpações Winnicott costuma se referir ao início da vida, momento no qual a fragilidade do indivíduo permite que fatores ambientais negativos produzam um efeito devastador em todos os aspectos e também no que se relaciona à criatividade. É portanto raro encontrar observações do autor quanto à perda tardia da capacidade criativa, que ocorre somente devido a condições ambientais extremamente negativas, pois na idade adulta muito já está firmemente consolidado. Quanto a estas deturpações no adulto o autor afirma que

se tomarmos conhecimento de indivíduos dominados no lar, prisioneiros ou mortos em campos de concentração, ou vítimas de perseguição de um regime político cruel, supomos, antes de mais nada, que somente algumas dessas vítimas permaneceram criativas. Estas, naturalmente são aquelas que sofrem (ver Winnicott, 1968b). Parece, a princípio, que todos os outros que existem (não vivem) nessas comunidades patológicas abandonaram a esperança, deixaram de sofrer e perderam a característica que os torna humanos, de modo a não mais perceberem o mundo de maneira criativa (Winnicott, 1975 [1971g], p. 99).

Entretanto Winnicott considera que a criatividade não pode ser completamente destruída e que, mesmo nos casos extremos, o indivíduo mantém “uma vida secreta satisfatória” (*ibidem*). A criatividade portanto sempre encontra algum lugar para se expressar, mesmo que seja escondida de todos os demais; na fantasia, no sonho, em algum hobby etc.

Alguém pode encontrar seu viver criativo de diversas formas. Isto pode ser buscado em todas as atividades adultas; no trabalho, nas tarefas domésticas, nos relacionamentos amorosos, nas atividades de lazer, nos relacionamentos em

geral etc. Da mesma forma estas coisas podem ser experimentadas não criativamente, mesmo uma atividade de lazer. Esta pode ser vivida de maneira automática e impessoal, em resposta submissa à demanda externa. O viver criativo Winnicott relaciona “ao fato de alguém ver tudo como se fosse a primeira vez” (Winnicott, 2005 [1986h], p. 25).

No texto *Vivendo de modo criativo* (Winnicott, 2005 [1986h]) há apontamentos sobre a dificuldade em conseguir viver criativamente em determinadas profissões; como a de alguém que limpa o chão ou trabalha em uma linha de montagem, mas também escreve que é possível encontrar em uma saída criativa. Quem limpa o chão pode apreciar o fazer lama identificando-se com sua criança que gosta de pular na lama no jardim ou quem trabalha na linha de montagem pode pensar no dinheiro que receberá ou em outras coisas que o agradam (p. 26-27). Pensando nestas colocações consideramos que talvez este último sujeito, assim como outros trabalhadores de diferentes empregos, encontre realmente grande dificuldade em realizar um trabalho prazeroso. Pensar nas consequências positivas do que faz ou em outra coisa o tira da atividade laboral, mas ainda há o serviço a ser realizado e a atenção deve ser voltada para a dura realidade objetiva. Provavelmente em parte a vida deste indivíduo se torna doente, mas é possível que haja algo no seu fazer (quando a atenção se foca na linha de montagem) que seja criativo. Alguém que por exemplo encaixa uma peça pode se ver montando um grande brinquedo de peças de encaixar.

Winnicott escreve que:

O fato é que as pessoas não deveriam assumir trabalhos que sejam sufocantes – ou, se não podem evitá-lo, precisam organizar seus fins de semana de modo a alimentar sua imaginação, mesmo nos momentos de rotina entediante (Winnicott, 2005 [1986h], p. 27).

As pessoas necessitam do viver criativo, buscam estas experiências e mantêm tal capacidade sempre. Mesmo que a espontaneidade somente seja possível muito raramente como no caso de pessoas extremamente sufocadas pelas circunstâncias sociais, tais vivências nunca são completamente extintas.

Winnicott costuma citar como formas do viver criativo adulto as experiências artísticas, ele se refere tanto à produção quanto à apreciação de uma obra de arte. No entanto, conforme ele afirma, há diferença entre a criação artística aclamada, provinda de um indivíduo talentoso nesta área, e a existência criativa, que

é universal e se relaciona com o fortalecimento do sentimento de estar vivo e ser si-mesmo.

É necessário, como já afirmei, separar a ideia da criação, das obras de arte. É verdade que uma criação pode ser um quadro, uma casa, um jardim, um vestido, um penteado, uma sinfonia ou uma escultura; tudo, desde uma refeição preparada em casa. Dizendo melhor talvez, essas coisas poderiam ser criações. A criatividade que me interessa aqui é uma proposição universal. Relaciona-se ao estar vivo. (...) A criatividade que estamos estudando relaciona-se com a abordagem do indivíduo à realidade externa” (Winnicott, 1975 [1971g], p. 98).

Em outro texto Winnicott explica que:

na busca do eu (*self*), a pessoa interessada pode ter produzido algo valioso em termos de arte, mas um artista bem sucedido pode ser universalmente aclamado e, no entanto, ter fracassado na tentativa de encontrar o eu (*self*) que está procurando. O eu (*self*) realmente não pode ser encontrado no que é construído com produtos do corpo ou da mente, por valiosas que essas construções possam ser em termos de beleza, perícia e impacto. Se o artista através de qualquer forma de expressão está buscando o eu (*self*), então pode-se dizer que, com toda probabilidade, já existe um certo fracasso para esse artista no campo do viver geral criativo. A criação acabada nunca remedia a falta subjacente do sentimento do eu (*self*) (1975 [1971r], p. 80-81).

A arte é uma experiência na qual a adulto pode acessar seu espaço potencial. O movimento artístico é uma forma de brincar do adulto. É permitido ao indivíduo maduro perder-se em sua terceira área da experiência por alguns momentos quando por exemplo aprecia uma música, assiste a um espetáculo, visita um museu etc. Isto é ser criativo mesmo que parece algo passivo, pois é o encontro entre o sujeito e o objeto artístico em uma relação que não se encontra no mundo interno ou no externo, mas no meio. Ao ouvir uma música criativamente a pessoa se sente criando aqueles sons que, assim como o seio ao bebê, parecem adaptar-se perfeitamente ao que ela buscava. Também aquele que, profissionalmente ou não, realiza uma produção artística pode nisto encontrar o prazer da vivência criativa. Nas palavras de Rogério Luz:

A arte permite esse contato com os núcleos primitivos do *self*, anteriores às sínteses egóicas unificadoras. (...) Dispor-se a um estado informe não-reativo é, para quem se propõe a uma experiência artística – autor ou fruidor –, um desafio: há algo de terrível na precariedade vulnerabilidade dessa situação. Mas é a partir dela que a realidade, interna ou externa, pode emergir como algo que tem vida (1998 p. 201).

O artista possui duas tendências opostas: “a necessidade urgente de se comunicar e a necessidade ainda mais urgente de não ser decifrado” (Winnicott, 1983 [1965j], p. 168). A arte é resultado de tais tendências. A criatividade é expressa pela ação, ação esta que ganha sentido na relação do indivíduo com o mundo. A amorfia primária integra o si-mesmo quando depois de alcançar o mundo é nele refletida e assim toma forma. Da mesma maneira o artista espera comunicar algo para ver seu reflexo no mundo e assim ver a si no outro. Disto é dado sentido a si, ao outro e à vida. Em oposição, há que se resguardar o núcleo incomunicável do si-mesmo, que nunca pode ser decifrado. A obra de arte mantém sempre algo que permanece inalcançável à interpretação.

Da mesma forma que a interpretação não cabe em certas situações criativas podendo inclusive estragá-las; o que vale para o brincar, para os sonhos ou para uma sessão psicoterápica (o que não significa que nunca tais experiências devam ser interpretadas, mas que se a intenção é permitir o livre fluxo criativo isso não deve ser feito); também na vivência artística abster-se de interpretar pode ser positivo à livre expressão da criatividade. O sentimento da ilusão onipotente experimentado no contato com uma obra de arte e a característica pessoal que cada um dá a determinada obra é o que há de mais prazeroso e significativo nela. A interpretação jamais alcança a totalidade de algo, ao contrário limita e aprisiona a criação dentro da percepção racional. Percepção subordinada à objetividade.

Luz, no livro “D. W. Winnicott: experiência clínica e experiência estética” dedica dois capítulos a experiências artísticas específicas; o cinema e o desenho. Em relação ao cinema pensa que o espectador criativo estabelece a área intermediária entre si e aquilo que se projeta na tela (1998, p. 231). O autor aponta que:

o cinema, mais do que qualquer outro meio de expressão, convida a uma experiência de regressão quase hipnótica, de retorno a um estado anterior à perceptibilidade do mundo e ao reconhecimento e aceitação da realidade objetiva (*ibidem*, p. 238).

Ao assistir um filme parece fácil sentir perder-se nele esquecendo-se de si, sensação que Bollas relaciona com o espaço potencial (1998 [1992]).

Quanto ao desenho Luz acredita que este seja “em sua raiz, razão, mas primeiramente razão criativa ou poética, anterior à razão discursiva e à ordem dos objetos técnicos, a que num segundo momento ele poderá se conformar” (Luz, 1998,

p. 247). Para ele o desenho é ao mesmo tempo o gesto espontâneo de riscar a folha e uma intenção de projeto (*ibidem*).

Como já foi colocado não é necessário procurar a arte para encontrar a experiência criativa. Winnicott em suas obras chama a atenção para diferentes atividades possivelmente criativas. Escrevendo sobre ciência ele evidencia o caráter criativo de tal atividade que é a concepção de novas questões. Há um estimulante fascínio nas lacunas de conhecimento sobre as quais o cientista pode se debruçar formulando novas perguntas e exercendo seu viver criativo (Winnicott 2005 [1986k], p. XIV-XVII).

Em *Vivendo de modo criativo* (Winnicott, 2005 [1986h], p. 23-39), Winnicott dá bastante ênfase à compreensão da criatividade no casamento. Neste texto ele afirma haver os casais que conseguem ser criativos em seu relacionamento e os que não e que por isso podem acabar se separando. Ele escreve que em certos casais pode não haver flexibilidade de papéis e que nestes casos os cônjuges ficam passando papéis fixos uns aos outros.

O casal que consegue ser criativo e feliz, pensa Winnicott, se permite viver as inúmeras possibilidades de papéis que viabiliza a fantasia. Além disso o marido ou esposa bem sucedidos em sua relação permite que o outro cônjuge seja criativo. “Quando duas pessoas não ficam com medo de se deixar uma à outra, têm muito a ganhar” (Winnicott, 2005 [1986h], p. 30). O autor também afirma que, no caso oposto, as pessoas acabam por se entediar, o que resulta da supressão da vida criativa (*ibidem*).

Para Winnicott os casais que não são criativos em seu relacionamento acabam se envolvendo em padrões repetitivos e tediosos que em sua origem são resultado do medo (*ibidem*). Pensamos que o medo pode estar na base de qualquer supressão da criatividade, a qual pressupõe em sua vivência um estado de fragilidade e vulnerabilidade e que portanto inspira aflição.

Winnicott considera que a maior parte dos casais encontra-se no meio entre os que vivem o casamento criativamente e os que não. O autor explica que

há inerentemente um tipo de choque entre o impulso pessoal e os compromissos concernentes a qualquer tipo de relação que tenha características confiáveis. Em outras palavras: estamos falando, uma vez mais, do princípio da realidade, e, eventualmente, conforme penetramos no assunto, poderíamos encontrar algum aspecto da

tentativa de o indivíduo aceitar a realidade externa sem perda excessiva do impulso pessoal (*ibidem*, p. 31).

A concepção de Winnicott a respeito de vida sexual do casal não é positiva. Para ele há os jovens que apaixonados conseguem ser criativos no sexo, mas com o tempo isto acaba. Ele acredita que não é comum encontrar pessoas casadas que sintam estar vivendo sua vida sexual de modo criativo (*ibidem*).

Isto leva a outra questão da criatividade; a concepção de um bebê.

Um bebê pode ser *concebido* de modo não-criativo – ou seja sem ter *sido concebido*, sem que tivesse chegado a ser uma ideia na mente. Por outro lado, um bebê pode começar no exato instante em que é querido pelos dois parceiros (*ibidem*, p. 33).

Talvez a concepção, gestação e parto sejam os momentos máximos da ilusão onipotente na vida adulta, pois representam a criação de uma vida. Criação na qual a fantasia parece ficar bastante próxima da realidade quando os pais desejam de fato um filho.

Inúmeros são os exemplos de atividades criativas, de acordo com Winnicott, tudo pode ser considerado como tal. Inclusive é possível pensar não somente em experiências construtivas, mas também destrutivas, como a guerra, podendo esta ser também criativa. Winnicott costuma afirmar que o espaço potencial é o espaço da cultura, o que abarca toda realização humana que se inscreve na sociedade.

Com base no que ensina Winnicott é possível pensar o quanto o adulto tem atualmente a possibilidade de ser livre, o que significa para o autor ser criativo (Winnicott, 2005 [1984e], p. 237-247). Luz acredita que há uma crise da criatividade na sociedade contemporânea, ele escreve que

o sintoma patológico de nossa civilização de produção e consumo – que já foi descrito como narcísico – é, nessa outra perspectiva, a incapacidade de brincar, de se fazer ou de se experimentar como arte: arte ou estética do existir, sentimento sempre aberto, informe e indeterminado, de autoprodução fabuladora que, em sua alteridade, exige e solicita e compartilha. A proliferação de grupos de pertencimento – mesmo em suas expressões mais aberrantes, qual seja o fundamentalismo político ou religioso, racista ou xenófobo – pode ser tomado como um alerta sintomático do perigo de uma abstrata unificação da humanidade sob a matriz da produção/consumo, unificação que tem como único resultado a exclusão e mesmo o extermínio da particularidade e da diferença. A primeira grande produção desse humanismo às avessas, em escala

mundial, e dependente de uma tecnologia industrial-militar, foi o Holocausto (1998, p. 196).

Luz aponta para o fato de que a experiência ilusória é por sua natureza e em sua origem atividade improdutivo (1998, p. 195), ao que se contrapõem cada vez mais os valores sociais atuais.

As ideologias massificadas são diretamente opostas à criatividade e representam para o indivíduo que as adota submissão à realidade objetiva. Winnicott cita o ato de aferrar-se a modismos como uma forma de submissão (2005 [1986h], p. 37).

Talvez nossa sociedade esteja sufocando o viver criativo com a ideologia de produção e consumo, a massificação e a tecnocracia. No entanto há, ao menos por enquanto, muitos que cultivam um viver bastante criativo, assim como parece ter feito o próprio Winnicott. Em suas palavras: “o teste de nossa civilização no momento, teste que é diferente de um dia para o outro, é: será que nós, como poetas, vamos conseguir nos recuperar do pouso americano na Lua?” (Winnicott, 2005 [1986i], p. 210).

5 UM EXEMPLO CLÍNICO DE WINNICOTT

No texto *O brincar: a atividade criativa e a busca do eu (self)* (Winnicott 1975 [1971r]), Winnicott apresenta o caso de uma paciente adulta incapaz de viver de forma criativa e que pôde encontrar seu si-mesmo verdadeiro por meio de sessões psicoterápicas nas quais vivenciou um ambiente propício para expressar sua criatividade. Tal caso exemplifica o papel da criatividade na vida adulta, como sua falta pode ser prejudicial e como é possível retomar o contato com o si-mesmo criativo.

A paciente referida por Winnicott sente-se incapaz de ser, a sessão relatada mostra como ela busca a partir da expressão criativa o seu si mesmo. Ao iniciar o relato, o autor aponta para a necessidade de permitir a manifestação da criatividade na psicoterapia, devendo para isto o analista se abster de interpretar em alguns momentos. O autor em seus textos aconselha por diversas vezes que o analista mantenha o silêncio ao invés de realizar interpretações, elas poderiam, em certas situações, interferir de forma negativa no processo analítico mesmo estando corretas. Muitas das interpretações poderiam inibir a relação de brincadeira entre analista e analisando, inserindo algo estanque que se impõe a partir do mundo externo da objetividade. Seriam uma tentativa de ordenar, o que se opõe à sucessão de ideias desconexas que deve ser permitida na psicoterapia.

A importância de não interpretar está em permitir a existência do espaço potencial no qual acontece o brincar. “É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*)” (Winnicott, 1975 [1971r], p. 80).

Na sessão relatada por Winnicott, a paciente passa grande parte do tempo a falar de forma desconexa e como se não houvesse um interlocutor. Esta fala é permitida abrindo espaço para uma vivência criativa da paciente, que só pode se expressar desta forma devido à sua capacidade de relaxar frente ao terapeuta que lhe inspira confiança. Nesta situação o analista pode ser visto como

desempenhando o papel materno na técnica do *holding*. A possibilidade de relaxar a partir da confiança é como poder deixar-se soltar no colo seguro da mãe. Ao descrever o aguardo de Winnicott frente a períodos de hesitação de pacientes bebês Safra escreve: “A espera de Winnicott nessa observação mostra-nos a importância da presença do analista intervindo com a sustentação da situação clínica no tempo, dando as condições para o aparecimento do gesto criativo do paciente” (1999, p. 3).

Nos momentos de fala desconexa a paciente cria de forma primitiva. Ela realiza uma ação próxima à do bebê quando este último exerce sua criatividade originária em um estado não-integrado. Desta forma a paciente busca seu si-mesmo.

O buscar só pode vir a partir do funcionamento amorfo e desconexo ou, talvez, do brincar rudimentar, como se numa zona neutra. É apenas aqui, nesse estado não integrado da personalidade, que o criativo, tal como o descrevemos, pode emergir (Winnicott, 1975 [1971r], p. 92, 93).

A certa altura da sessão a paciente relata um sonho no qual uma estudante lhe mostrava quadros que não apresentavam melhoras e ela não sabe como dizer isto à aluna. Mais próximo do fim da sessão Winnicott relaciona este sonho com a fala da paciente de que ela tentava se ajustar ao que sua família esperava. Dizer que havia melhora nos quadros seria falso, outra tentativa de se ajustar ao que os outros esperam. De acordo com Winnicott, esta adaptação artificial à sociedade causa um sentimento de falta de sentido na realidade, mal do qual padecia a paciente em questão: “É uma sensação desesperada de não-importância das coisas” (relato da fala da paciente, in: Winnicott, 1975 [1971r], p. 86). Esta forma de lidar com o mundo externo é oposta à criatividade. Enquanto esta é própria, a primeira aliena o indivíduo de si mesmo. Nas palavras de Winnicott:

É através da apercepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. Em contraste, existe um relacionamento de submissão com a realidade externa, onde o mundo em todos seus pormenores é reconhecido apenas como algo a que ajustar-se ou a exigir adaptação. A submissão traz consigo um sentimento de inutilidade e está associada à idéia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida (1975 [1971], p. 95).

Após o acima citado comentário de Winnicott sobre o sonho da paciente, ela acrescenta algo que revela sua compreensão acerca da criatividade como caminho de comunhão do indivíduo com si mesmo em oposição à adaptação

desprovida de sentido: “estou utilizando meus olhos, meus ouvidos e minhas mãos como instrumentos; eu nunca SOU CEM POR CENTO. Se deixasse minhas mãos vaguearem, poderia encontrar um eu” (*ibidem*, p. 91).

Em dois momentos do relato Winnicott aponta para uma mudança de atitude da paciente no sentido de percebê-lo. Em sua fala a paciente mostra a dificuldade de estabelecer contato e se queixa disto. Quando há a possibilidade de se relacionar com o terapeuta ela pode ter sua fala refletida e assim integrada. Na impossibilidade do contato não ocorre a integração do si mesmo. O criativo “refletido de volta, mas apenas nesse caso, torna-se parte da personalidade individual organizada e, no conjunto, acaba por fazer o indivíduo ser, ser encontrado, e acaba por permitir que postule a existência do eu (*self*)” (*ibidem*, p. 93). Ver-se refletido e assim constituir o si mesmo remonta ao momento em que o bebê, ainda não constituindo uma unidade integrada, se vê refletido no rosto da mãe sem perceber ali uma outra pessoa separada dele.

No caso relatado Winnicott permitiu que a paciente se expressasse de maneira desconexa e amorfa, mantendo-se em silêncio e proporcionando um espaço de confiança. Desta forma pôde se manifestar a criatividade, que foi então refletida pelo analista possibilitando uma aproximação da paciente em relação ao seu si-mesmo. Neste caso outra atitude relevante do analista foi ter propiciado o tempo necessário para a paciente, que não foi, como ele mesmo escreveu, o de uma sessão normal. Para Winnicott “a finalização da sessão está subordinada ao gesto do paciente” (Safra, 1999, p. 4). Desta forma, o paciente faz o gesto de criação do fim da consulta, sem que este fim se imponha a ele repetindo um padrão de intrusão ambiental que interrompe a continuidade do ser.

Pelo exemplo apresentado é possível perceber que quando a criatividade não foi devidamente desenvolvida pode ser necessário uma regressão à não-integração, ao núcleo do si-mesmo, para que seja realizada a experiência de ser criativo em um ambiente de sustentação. Caso a experiência de ilusão não tenha sido vivida no seu devido estágio, o adulto que conseqüentemente sofre por isso precisa em algum momento e de alguma forma reviver a onipotência em um ambiente favorável para conseguir estabelecer-se como um indivíduo criativo e saudável.

É por meio da criatividade que o ser humano encontra seu si-mesmo, partindo da amorfia para encontrar ordem no que é refletido pelo mundo. O mundo deve permitir a expressão criativa, para que as pessoas encontrem e reencontrem a si em cada nova vivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das considerações feitas neste trabalho é possível compreender que a criatividade é um conceito fundamental na teoria de Winnicott. Da perspectiva do amadurecimento pessoal ela é algo que está presente sempre, desde antes do nascimento, como um potencial, até a morte; último momento em que o ser humano pode ser criativo.

Os primeiros indícios de vida criativa aparecem *in utero* com a formação da própria psique na elaboração imaginativa. Winnicott parece enfatizar a característica da criatividade de ser um fazer no mundo. Neste sentido a elaboração imaginativa não é uma manifestação criativa. Porém, se não é um fazer criativo é potencial criativo, elaboração pessoal que existe a partir do núcleo incomunicável do si-mesmo, fonte de toda criatividade.

A psique então começa a se desenvolver criativamente; como uma criação própria do bebê. Isso se dá no início na apropriação do corpo, com o sentimento de que a existência deste é responsabilidade do próprio indivíduo. Assim é dado sentido ao corpo. Esta dação de sentido, resultado da elaboração imaginativa, depois do nascimento se estende para outros objetos que não o eu.

Winnicott diferencia a elaboração imaginativa do conceito de fantasia da psicanálise tradicional por ele estar ligado a conflitos internos e ideias que não correspondem ao que o autor quer comunicar. No entanto, em alguns momentos, Winnicott utiliza o termo fantasia com o mesmo significado de elaboração imaginativa. Pensamos que esta corresponde a algo muito próximo do que é o senso comum a respeito da palavra fantasia, sem todos os pressupostos desenvolvidos por Freud e Klein, mas como o simples ato de imaginação criativa.

A fantasia ou elaboração imaginativa constrói o mundo interno pessoal de cada um. Ela é impulso original, que move o ser humano e se expressa através da criatividade. Aí se encontra algo diferente de qualquer noção anterior da psicanálise tradicional. Este impulso não é libido ou agressão, talvez agressão no sentido em que esta é para Winnicott na sua origem o mesmo que atividade.

O impulso original, cuja existência é anterior à experiência, quando transformado em gesto que vai de encontro ao mundo, se manifesta naquilo que é chamado criatividade. Ela é resultado daquilo que é mais pessoal, exclusivo do mundo interno, expresso na realidade objetiva. Inicialmente, no entanto, a objetividade não é concebida pelo bebê que, apesar de, do ponto de vista do observador estabelecer uma relação com um outro, está na verdade tendo uma experiência de ilusão criativa e, a partir disso, iniciando a constituição de um si-mesmo.

Nos primeiros contatos entre mãe e bebê manifesta-se a criatividade primária com a ilusão onipotente de estar criando o seio. Com o tempo tal experiência é ampliada para os outros objetos possibilitando que o indivíduo crie o mundo. Este começo é essencial para o bom desenvolvimento da criatividade, que implica no sentimento de estar vivo e de haver sentido na vida. Criar o mundo é dar sentido a ele, é sentir-se responsável, de uma forma às vezes não consciente, pela existência das coisas, o que resulta na sensação de ter um pouco de si em tudo e em poder ser tocado (no sentido afetivo) por tudo.

Ao longo do amadurecimento o sentimento de criar o mundo permanece, mesmo que negado pela razão. É primeiro no brincar e depois nas formas sofisticadas de brincar, o que significa qualquer atividade criativa, que a ilusão onipotente pode ser exercida. O espaço potencial, inaugurado na fase de transicionalidade, é o lugar em que o ser humano pode ter prazer e se relacionar com o outro sem ter sua personalidade suprimida pela objetividade. Esta área da existência é o elo entre o interno e externo e ao mesmo tempo a separação entre os dois mundos. É o que permite o contato com a realidade sem a exploração daquilo que é mais pessoal, que se mantém incomunicável.

Na vida adulta o campo de expressão criativa é ampliado para todos os tipos de atividades e, conforme afirma Winnicott, é possível ser criativo em tudo, assim como é possível não ser criativo em tudo. As pessoas podem se sentir criativas em seus trabalhos, em suas amizades, em seus relacionamentos amorosos etc.

A experiência de criatividade é responsável pelo sentido da vida, é fonte de prazer. Bollas escreve sobre ela na sensação de perder-se na experiência (1998 [1992]). Winnicott se refere ao êxtase do orgasmo do ego e também escreve sobre o

surpreender-se consigo mesmo (2005 [1986i], p. 199) como sensações que resultam do viver criativo.

A arte é um campo privilegiado de expressão criativa e poucos são os que não se voltam ao menos às vezes para uma música, um espetáculo, um filme etc. Porém também é possível não ser criativo na arte e, por exemplo, assistir a um concerto por que está na moda sem que isto tenha um significado pessoal. Um diretor de cinema pode fazer seu filme de acordo com técnicas estabelecidas para atrair o público e não como uma expressão pessoal.

É natural que, em alguns momentos, a realidade se imponha, isto não significa doença. Parece que, para Winnicott, é importante que haja um equilíbrio entre o viver submisso e o criativo. Quando resta muito pouco de vivências pessoais, então há algo errado. Uma pessoa que quase não consegue ter experiências criativas perde a vontade de viver e mais nada faz sentido.

A experiência criativa traz em si algo complicado, ela se relaciona com o núcleo do si mesmo, anterior à integração. A criatividade primária, à qual remete qualquer vivência criativa, pertence a um momento de não-integração. Este estado é de extrema dependência e fragilidade, o que implica em que para ser criativo é preciso haver segurança. Em uma situação de intensa ameaça ao si-mesmo dificilmente o indivíduo se mantém criativo, provavelmente erige defesas rígidas para se proteger.

Pensamos que a criatividade implica em certo desprendimento em relação ao mundo material. Algumas pessoas se apegam fortemente à realidade com medo do caos interno; da desintegração. O medo é um impeditivo à vida criativa, ele leva à estagnação e estabelecimento de relações rígidas com aquilo que há de mais concreto. Opõe-se diretamente à fluidez da fantasia e da busca criativa pelo novo.

O medo leva à submissão à realidade e perda de contato com o mundo interno na tentativa de controlar as próprias fantasias e de se aferrar a algo concreto e estável. O medo faz com que as pessoas busquem as modas e os grupos de pertencimento que tornam tudo homogêneo e suprimem as particularidades. Ele também gera o preconceito, que é a defesa contra o diferente, o desconhecido, o novo. Estas coisas são opostas ao viver criativo.

A criatividade é busca pelo novo e o tornar novo o que já é conhecido. A fantasia não se repete, somente o que Winnicott chama de fantasiar. A fantasia cria. Ela é movimento, processo de constituição do mundo e do si-mesmo.

Voltando a atenção para a sociedade contemporânea, pode pensar na crise da criatividade para a qual aponta Luz (1998). Parece que atualmente não há lugar para a ação que não tem um fim produtivo. A expressão criativa tem um fim em si e por isso parece estar sendo afastada do meio social. A tecnocracia introduz uma lógica de estabelecimento de padrões que são aprendidos, produzidos, vendidos e repetidos. A tecnologia surge a favor da utilidade.

A criatividade deixa de ser valorizada, pois não tem como objetivo a produção de algo útil que possa ser consumido, apesar de poder resultar em tal coisa apesar de não ser sua finalidade original.

A massificação do conhecimento se dá por meio das cada vez mais eficientes redes de comunicação. As opiniões são unificadas e o original é suprimido. Nisto contribui o medo que leva as pessoas a escolherem o caminho mais confortável da inequívoca voz da maioria. O indivíduo se afasta do angustiante caos interno e se ancora nos outros. Desta forma pode não mais ser responsável por seu si-mesmo, pois opina por procuração.

As ideias winnicottianas acerca da criatividade se aproximam do pensamento de Martin Heidegger (2005). Ele acredita que o ser humano vive a inautenticidade quando imerso nos seus afazeres cotidianos, imerso em vivências impróprias que se definem a partir do senso comum. O indivíduo desta forma perde o contato consigo e vive na impessoalidade.

Para Heidegger é voltando-se para o próprio ser que o indivíduo pode ser autêntico e viver na pessoalidade. Desta forma a existência ganha um sentido próprio.

No entanto o conceito de criatividade de Winnicott difere do pensamento de Heidegger em certo ponto. O filósofo considera que a impessoalidade existe no princípio, para dela sobrevir a pessoalidade. O ser humano é para ele inicialmente “ser-no-mundo” e é partindo da existência no mundo que se define o ser.

Para Winnicott a criatividade tem origem anterior à experiência, ela é absolutamente própria do indivíduo. Uma contribuição completamente original do mundo interno. É partindo da criatividade que o mundo surge para cada um.

Para concluir, penso que muito pode ser estudado a respeito do conceito winnicottiano de criatividade ,por exemplo, a forma como ele influencia a clínica psicoterápica e como nela se apresenta. Nesta área é interessante pensar a interpretação, que para Winnicott é um empecilho ao trabalho criativo, já que aprisiona o sentido dentro de uma concepção objetiva acerca da fantasia.

Outra importante questão é a dos desvios da criatividade que não foram focados neste trabalho. As patologias psíquicas descritas por Winnicott evidenciam a importância da criatividade e o sofrimento causado pela sua falta.

Aqui foi brevemente colocada a questão social e a possível crise da criatividade e este é um assunto que merece aprofundamento. Parece haver atualmente um esquecimento da importância do viver criativo e é interessante pensar quais são suas causas e consequências, e o que pode ser feito a respeito.

O que se pode esperar das progressivas mudanças sociais? Quais são as implicações disto na atuação de cada um no mundo? Talvez o psicólogo clínico possa sentir a repercussão da falta de criatividade na vida das pessoas em seu consultório. Em outros campos da saúde também é possível que os profissionais estejam lidando com estas questões.

Para finalizar, penso que a compreensão aqui desenvolvida levantou importantes questões a serem pensadas e elaboradas. Winnicott por meio de sua teoria lembra a todos do valor do viver criativo. É importante que a capacidade de brincar seja mantida e exercitada com frequência, pois é este o sentido da vida.

REFERÊNCIAS¹⁴

Autoria de Winnicott

1945d. Desenvolvimento emocional primitivo. In: _____ 1958a (W6). *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 269-285.

1953c (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: _____ 1971a (W10). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 13-44.

1954a (1949). A mente e sua relação com o psique-soma. In: _____ 1958a (W6). *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. p. 409-425.

1958a (W6). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

1958b (1950). A agressividade e sua relação com o desenvolvimento emocional. In: _____ 1958a (W6). *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

1958f (1949). Recordações do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. In: _____ 1958a (W6). *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

¹⁴ A citação das obras de Winnicott segue a bibliografia compilada pelo Prof. Dr. Knud Hujulmand, do Departamento de Psicologia de Copenhague. Esta compilação pode ser encontrada em *Natureza Humana* (Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas), vol. 1, n. 2, 1999.

1958g (1957). A capacidade para estar só. In: _____ 1965b (W9). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p. 31-37.

1958o (1956). Psicanálise do sentimento de culpa. In: _____ 1965b (W9). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

1963b (1962). “O desenvolvimento da capacidade de se preocupar”. In: _____ 1965b (W9). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

1963d. “Moral e educação”. In: _____ 1965b (W9). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

1964a (W7). *A criança e o seu mundo*. Traduzido por: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1982.

1965b (W9). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

1965j (1963). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In: _____ 1965b (W9). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

1965m (1960). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro ‘self’. In: _____ 1965b (W9). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

1965u (1963). O atendimento hospitalar como complemento de psicoterapia intensiva na adolescência. In: _____ 1965b (W9). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

1965va (1962). Enfoque pessoal da contribuição kleiniana. In: _____ 1965b (W9). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

1967b. A localização da experiência cultural. In: _____ 1971a (W10). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 137.

1967c. O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: _____ 1971a (W10). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

1968i (1967). O brincar: uma exposição teórica. In: _____ 1971a (W10). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

1969c. Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior. In: _____ 1971a (W10). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

1969i. "O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações". In: _____ 1989a (W19). *Explorações psicanalíticas*. São Paulo: Artmed, 1994.

1971a (W10). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

1971d. Sobre as bases para o *self* no corpo. In: _____ 1989a (W19). *Explorações psicanalíticas*. São Paulo: Artmed, 1994.

1971f (1967). O conceito de indivíduo saudável. In: _____ 1986b (W14). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

1971g. A criatividade e suas origens. In: _____ 1971a (W10). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

1971h. Sonhar, fantasiar e viver: uma história clínica que descreve uma dissociação primária. In: _____ 1971a (W10). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

1971r. “O brincar: a atividade criativa e a busca do eu (*self*)”. In: _____ 1971a (W10). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

1986b (W14). *Tudo começa em casa*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

1986h (1970). “Vivendo de modo criativo”. In: _____ 1986b (W14). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

1986i (1969). “A pílula e a lua”. In: _____ 1986b (W14). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

1988 (W18). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

1989a (W19). *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994.

1989u. Notas sobre o brinquedo. In: _____ 1989a (W19). *Explorações psicanalíticas*. São Paulo: Artmed, 1994.

1989vi (1961). “Psiconeurose na infância”. In: _____ 1989a (W19). *Explorações psicanalíticas*. São Paulo: Artmed, 1994.

Geral

ABRAM, Jan (1996). *A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Tradução de: Marcelo Del Grande da Silva. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

BOLLAS, Christopher (1992). *Sendo um personagem*. Tradução: Suzana Menescal de Alencar Carvalho. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

DIAS, Elsa Oliveira. *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

FREUD, Sigmund (1905). Três ensaios sobre a sexualidade. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7.

GRAÑA, Roberto Barberena. Adolescência: o lúdico e a individualidade. In: GRAÑA et al. *Donald W. Winnicott: estudos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, p. 164-172.

GROLNICK, Simon. *Winnicott: o trabalho e o brinquedo – uma leitura introdutória*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

KLEIN, Melanie (1932). *Psicanálise da criança*. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1975.

LACAN, Jacques (1949). “O estádio do espelho como formador da função do eu”. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LINS, Maria Ivone Accioly; LUZ, Rogerio. *D. W. Winnicott: experiência clínica e experiência estética*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

LOPARIC, Zeljko. Esboço do paradigma winnicottiano. *Cadernos de história e filosofia da ciência*, Campinas, v. 11, n. 2, 2001.

_____. O animal humano. *Natureza humana*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 351-397, 2000.

MILNER, Marion. *A loucura suprimida do homem são*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____ (1952). "O papel da ilusão na formação simbólica". In: MILNER, M. *A loucura suprimida do homem são*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____ (1972). "Winnicott e a viagem de ida e volta". In: MILNER, M. *A loucura suprimida do homem são*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

PHILLIPS, Adam [1988]. *Winnicott*. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

SAFRA, Gilberto. A clínica em Winnicott. *Natureza humana*, São Paulo, vol. 1, n. 1, p. 91-101, 1999.